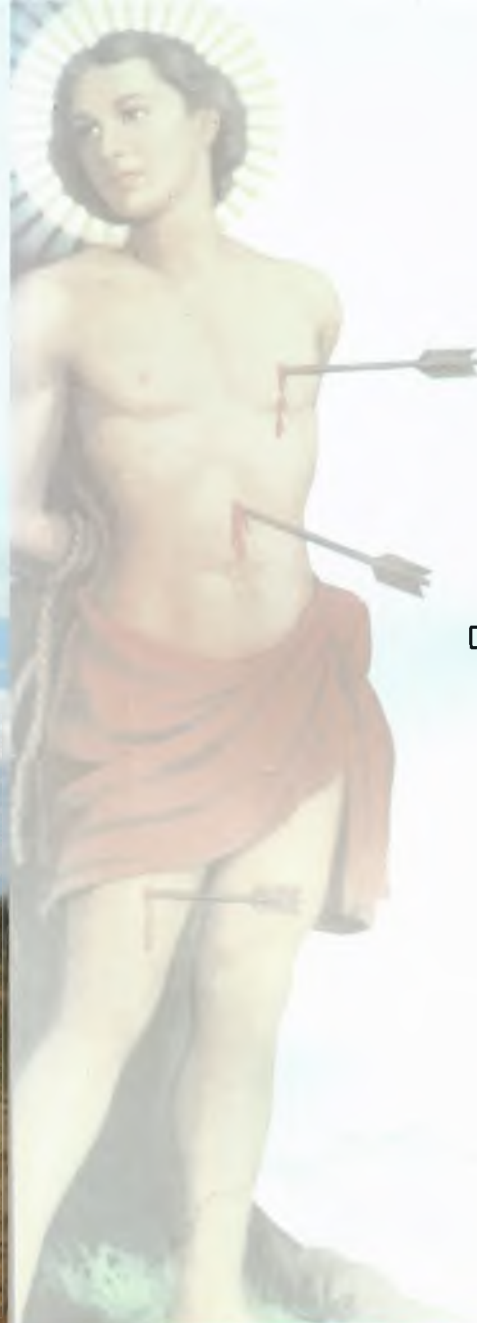


A FAMÍLIA ANTONINO ATRAVÉS DOS TEMPOS



Hino a São Sebastião

Ó Sebastião Bendito
Aceitai minha oração
E eu hei de louvar-te
De todo o meu coração

Refrão:
Pela santa lei de Cristo
Tudo afrontaste na terra
Rogai a Deus que nos livre
Da peste, da fome, e guerra (Bis)

Ó Sebastião bendito
Espelho de caridade
Rogai a Deus nos conceda
Sua santa piedade
Refrão

Ó Sebastião bendito
Rogai por mim ao Senhor
Para que dos meus pecados
Não sinta profunda dor
Refrão

ESTELITA ANTONINO DE SOUSA

A FAMÍLIA ANTONINO
ATRAVÉS
DOS TEMPOS

SERRA BRANCA - FEVEREIRO DE 2010

**Oração feita por Dom Luiz Gonzaga Fernandes
4º Bispo Diocesano de Campina Grande/PB**

De casa vou saindo, no caminho vou andando,
Virgem e Anjo me acompanhando.

Tomo a Deus por meu PAI,
A Virgem Maria por nossa MÃE,
Os Anjos por meus parentes,
Os Santos por meus advogados.

Bons e maus vou encontrar.
Os homens ajudar a louvar e agradecer a Deus.
Os maus se olhos tenham, não me vejam,
Braços tenham não me agarrem,
Bocas tenham não me falem.

Eles não me vão ofender, nem com palavras,
Nem com pensamentos, nem com atos.

Serei purificado(a) com sangue
De meu Senhor Jesus Cristo,
E coberto(a) com o manto
De Maria Santíssima.

Meus inimigos vão ficar
Debaixo de meu pé esquerdo.
E as almas benditas vão segurá-los
Para que não me façam mal,
Nem nesta manhã nem nesta tarde,
Nem nesta noite, nem dia algum,
Para sempre Amém

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que fizeram a história do Ligeiro através dos tempos, sacrificando-se para viver nessa região do Cariri, com menos condições de sobrevivência do que nos dias atuais.

A todos os que permanecem lá, dando continuidade à memória de Antonino José Gonçalves e Águida Maria da Conceição, onde instalaram o seu lar e hoje já estamos na 6ª geração.

Aos que procuram levar para o Ligeiro um pouco do desenvolvimento destinado à zona rural do Cariri, para que a maioria de seus filhos possam viver com dignidade no lugar onde nasceram.

Aos meus filhos Paulo Giovani, Pedro Germano e à minha nora Maria Lúcia, que participaram ativamente na organização e lançamento deste livro, e a todos que deram sua contribuição direta e indiretamente.

Ao ex-prefeito Luís José Mamede (Zizo), que na sua gestão, a Prefeitura colaborou financeiramente para o lançamento do livro *Fatos Históricos de Serra Branca* e através desse apoio está sendo lançado o livro: *A família Antonino Através dos Tempos*.

Pensamentos de Estelita Antonino de Sousa

Quando escrevi a genealogia dos Antoninos foi para que todas as gerações conhecessem os seus antepassados que de uma maneira particular foram casando primo com primo e dando continuidade à família Antonino, para permanecer no Ligeiro, lutando para que a comunidade sempre progredisse.

Quando a minha sobrinha Diana Carmem Martins de Assis escreveu o livro *Ligeiro de Todos os Tempos*, deixando registrado um pouco do que ela viveu lá, na sua infância, através do que escreveu e de fotos da vida da família Antonino, ela teve a idéia de que todos os que pertencem a essa família nunca serão esquecidos porque está escrito um pouco da história das pessoas.

E como a vida continua, neste pequeno livro, eu quero acrescentar deixando registrado um pouco da história de outras pessoas que também viveram no Ligeiro, para que as novas gerações possam ter a memória dos seus antepassados, valorizando o que eles fizeram.

Sumário

Prefácio	11
Biografia da autora	13
Biografia de Tagi Nunes	19
Homenagem ao meu irmão João	21
Homenagem à Madrinha Auta	23
Homenagens dos sobrinhos ausentes a Tia Auta no seu aniversário de 80 anos	25
Homenagem de Socorro Diniz, no seu livro Vida Versos Vivências, a Estelita Antonino	26
Homenagem Especial do Grêmio Estudantil Senador José Gaudêncio com dedicatória da professoras Graça Antonino e Socorro Lôpo a Estelita Antonino	27
Homenagem de Socorro Diniz, no seu livro Vida Versos Vivências, a Dr. Djalma Antonino	29
Primeiros habitantes do Ligeiro	31
Pessoas que vieram morar no Ligeiro e prestaram sua contribuição	35
Almocreves do Ligeiro	37
Pequeno histórico de pessoas da Família Antonino	41
Fatos marcantes da Vida de João Leôncio	67
Fotos das casas de pessoas na Terceira Idade que moram no Ligeiro	69
O Ligeiro hoje	76
Histórias contadas por pessoas do Ligeiro	77
O Futebol no Ligeiro	84
Famílias acolhidas no Ligeiro nos dias atuais	86
Utilidade dos animais e corrida de vaquejadas	89
Severo - um representante do Ligeiro de Baixo	93

Prefácio

A Prof^ª. Estelita Antonino de Sousa lecionou a disciplina História e tornou-se, ao longo de sua vida, a historiadora da comunidade rural onde nasceu. Como tal, procura registrar a trajetória de pessoas que viveram no Ligeiro, desde décadas passadas até as pessoas de seu convívio, na atualidade.

A Prof^ª. Estelita tem um objetivo muito significativo, que é escrever para os pósteros a história dos moradores do Ligeiro, com passagem da vida profissional de cada um e o entrosamento social da coletividade. Geralmente, os dias transcorrem na normalidade de pessoas muito ocupadas com seus afazeres durante a semana de 2^a a 6^a feira; aos sábados dedicados à feira em Serra Branca, ao encontro das pessoas amigas e os domingos são dias consagrados ao descanso, à igreja e à diversão com os familiares.

Com uma pesquisa que tem como recurso a memória e a oralidade das pessoas mais velhas, a Prof^ª. Estelita prepara o conteúdo de seu trabalho histórico, através de informações, como flores que vai colhendo no jardim da vida de cada um. É um trabalho semelhante ao do garimpeiro e, incansavelmente, faz uma escolha dos fatos que não podem ser omitidos e narra a trajetória das personagens da vida real.

Conheço a autora desses escritos e concordo que se tem um futuro mais promissor, quando se conhece a luta das pessoas que no passado trabalharam para que seus descendentes vivessem um presente com menos dificuldades.

A vinda dos primeiros habitantes, a construção das primeiras casas, o nascimento dos filhos, a luta pela sobrevivência, o transportes dos alimentos em burros vindos de cidades distantes, as boiadas tangidas a pé, o trabalho exaustivo na seca, a preocupação com o estudo dos filhos, o plantio da agricultura de

subsistência, as atividades contínuas para a criação do gado, da ovelha e do bode, tudo isso faz parte do cotidiano dos habitantes do Ligeiro, que a Prof^a. Estelita não perde a chance de perpetuar através de seus escritos.

Nessa oportunidade, ela faz homenagem a várias pessoas do Ligeiro, inclusive a meu pai João Francisco de Assis, seu irmão mais velho. Ela é sempre muito agradecida a ele por ter se preocupado com seus estudos, na época de sua juventude. Porém, ela e ele merecem o carinho que sempre sentiram um pelo outro, o amor pelos livros e a sede de conhecimento os fizeram parceiros. Meu pai deixou essa vida em 1984, estamos em 2010 e a sua irmã não perde uma oportunidade de lhe tecer elogios. Tenho muito que agradecê-la por tanto carinho e pelas orações que sempre faz por ele.

Muitas outras pessoas mereceram da historiadora a citação de seus nomes nesse trabalho e a intenção da Prof^a. Estelita é apresentá-las aos novos habitantes da comunidade, que se irmanam nas comemorações celebradas nas datas festivas e religiosas.

Aos leitores e leitoras, um bom aproveitamento desse conhecimento histórico, que a memória dos antepassados conta para a atualidade, através da generosidade e pesquisa da historiadora Prof^a. Estelita Antonino de Sousa, a quem agradeço com sensibilidade o presente de escrever este prefácio.

Diana Martins.

Biografia da autora

Estelita Antonino de Sousa, professora, brasileira, nasceu na Fazenda Ligeiro, município de Serra Branca/PB, no dia 09 de junho de 1931, filha de Francisco João de Sousa e Eutália Maria de Sousa; criaram 10 filhos e 9 morrerem poucos meses após o nascimento.

Sendo a terceira filha do casal, desde pequena, ajudava sua mãe com os irmãos menores e até em outros afazeres, como cortar palma, torrar e pilar café, pilar arroz, carregar água, tirar leite das vacas etc.

Começou a estudar com seis anos de idade quando chegou no Ligeiro a professora estadual de São João do Cariri, Rita Tavares (Dudu), que começou a ensinar em junho de 1937 às crianças e jovens do Ligeiro e das redondezas. Estudou até a quarta série, repetindo varias vezes, pois não havia possibilidade de estudar em outro lugar. Começou a estudar na casa do Sr. Antônio Manoel e Dona Cristina e depois na casa de José Leôncio, que construiu uma sala grande em sua casa, onde a Escola ficou funcionando e onde Dudu veio morar. Essa sala existe até hoje. Não havia carteiras, os alunos sentavam-se em bancos ou tamboretas e na hora de fazer as tarefas ficavam todos sentados ao redor de uma mesa grande, que ficava no meio da sala. A professora ensinava todas as séries desde a alfabetização ou a Carta do ABC, como se chamava na época, até a quarta série primária.

Seu irmão mais velho, João Francisco de Assis, que com muita dificuldade foi estudar em João Pessoa, já fazia o curso de Direito na Universidade Federal da Paraíba e sabendo do interesse que ela tinha pelos estudos começou a procurar um colégio onde houvesse internato para ela estudar. Informado da existência do Colégio Santa Rita em Areia, dirigido pelas freiras franciscanas alemães, João foi até lá e depois de colher todas as informações,

procurou conversar com a Superiora, Madre Carolina, contando a situação e as dificuldades existentes com a família numerosa para criar. Ela fez um abatimento, dispensando as mensalidades. Seu Francisco e João pagavam somente as despesas do internato. Tendo resolvido tudo, seu irmão João trouxe a lista do enxoval, depois de comprar o essencial, veio passar as férias em casa e começou a preparar sua irmã para fazer o exame de admissão, ensinando principalmente como fazer uma redação e interpretar um texto - coisa que naquela época as professoras do curso primário não sabiam - , pois o restante do programa ela sabia bem.

No mês de fevereiro de 1947, viajou para Areia/PB, para fazer as provas de Admissão, já com a bagagem pronta para ficar; tirou em primeiro lugar na turma, matriculou-se para estudar a primeira série ginasial no início de março.

O transporte era difícil. Só havia um ônibus (chamavam a Sopa) que passava em Serra Branca às 09 horas da manhã, chegando em Campina Grande às 12 horas; lá ficava hospedada no Hotel Guarani, pois só havia ônibus para Areia no outro dia, às 6 horas da manhã.

Iniciava-se o ano letivo no mês de março, havia um mês de férias em junho e recomeçava indo até o fim de novembro. As alunas internas vinham passar as férias em casa; aquelas que tinham melhores condições financeiras iam fazer visitas a suas filhas aos domingos no período das férias. Ficavam conversando no parlatório; aquelas que não recebiam visitas das famílias faziam um passeio aos domingos à tarde até o campus da universidade de agronomia.

Na época em que ela estudou, havia cerca de 80 alunas internas. A vida no internato era assim: a freira que tomava conta do dormitório tocava a companhia às 06 horas da manhã, as alunas levantavam e desciam para tomar banho, iam assistir à missa na

capela, em seguida entravam no refeitório para o café. Às 07:30 horas, iam assistir às aulas até 11 horas; terminadas as aulas todas se dirigiam ao refeitório para o almoço. Após o descanso do almoço, o horário era dedicado aos trabalhos manuais. Quem ensinava era a Madre Trautlinde, que tomava conta do recreio; a campainha tocava às 13:00 horas e as alunas subiam para a sala de estudo, onde ficavam até 15:00 horas. Às 15:00 horas era servida a merenda, depois todas voltavam para a sala de estudo até as 17:00 horas, quando desciam para rezar o terço na capela, em seguida iam ao refeitório para jantarem; havia um pequeno recreio e depois todas se recolhiam em silêncio para dormirem, mesmo que estivessem sem sono. Muitas vezes conversavam baixinho e até estudavam com a colega da cama vizinha quando havia prova. Madre Justiça, a freira que tomava conta do dormitório, tinha sua cela vizinha ao dormitório para verificar tudo que ali acontecia. O dormitório, a cela (quarto da freira) e a sala de estudo ficavam no primeiro andar.

Assim se passaram quatro anos, de 1947 a 1950. Durante esse período seus pais nunca a visitaram, pois não tinham condição de irem até a cidade de Areia, apenas seu irmão ia buscá-la e trazê-la no período de férias.

Sempre foi a 1ª da turma com boas notas e um bom comportamento, recebeu a fita verde da Pia União das Filhas de Maria e quando terminou o curso ginasial voltou para o Ligeiro. Muitas freiras ficaram surpresas, pois pensavam que pelo seu comportamento no internato ela iria ser freira.

Lá ela aprendeu muitas coisas, como tricô artístico e outros trabalhos manuais.

Em 1952, seu irmão a matriculou no Colégio Liceu Paraibano no Curso Clássico (ensino médio). Foi morar na casa de seu irmão, mas nem terminou o semestre, desistiu e voltou para o Ligeiro.

Depois passou alguns meses em Surubim/PE, na casa de

seus padrinhos, José Leal e Hercília. Lá ela recebeu muitas encomendas de tricô artístico, como toalhas, panos para móveis, os quais fazia e vendia.

Voltou para o Ligeiro. Nos primeiros sábados de cada mês participava das missas da Pia União com a sua madrinha Alta e a professora Dudu, sua ex-professora até que no mês de janeiro de 1956 estava na igreja e padre João Marques lhe convidou a ensinar na escola que ele estava fundando.

Esse convite foi feito por indicação da senhora Alice Gaião que havia estudado com suas irmãs no colégio Santa Rita em Areia e pelo contato que tinha com as freiras do internato que conheciam sua capacidade. Após o convite recebido, ela pensou bastante antes de aceitar, pois havia a dificuldade em relação ao local para ficar. Então surgiu a possibilidade de morar na casa de Josefa Nunes (Dedé) que era casada com seu primo João Nunes. Ela já estava viúva e tinha uma filha única, Cremilda. Com elas ficou morando até seu casamento.

No mês de janeiro de 1956, ocorreu seu noivado com Tagi Nunes que logo viajou para o Rio de Janeiro onde já trabalhava há alguns anos e no dia 16 de fevereiro de 1956 ela começou a ensinar na escola profissional Pio XII. Por não ter ainda um prédio próprio ficaram dando aula na Sacristia a cerca de 80 alunos, ela com turmas de alfabetização à segunda série e Paulo Lopo da terceira à quinta série.

Logo no mês de março, o Padre Marques comprou os salões ao Sr. Joaquim de Andrade Gaião e a escola começou a funcionar lá, também com aulas de corte, costura e datilografia. Em agosto, Paulo Lopo foi para o exército em Campina Grande e ela assumiu as turmas com Cleusa Ribeiro e Maria das Neves Oliveira (Nevinha Oliveira).

Nesse período alguns pais falaram para ela ensinar particular, daí ela montou uma escola na casa de seu tio Anísio

Pacheco, no Beco dos Sete. Ensinou aos filhos dos senhores Raul Arão, Gedeão Maracajá, Valdemar Torreão e da senhora Alice Gaião e do senhor Egmont de Lucena e outros, até que seu irmão conseguiu uma nomeação de professora para o Grupo Escolar Vasconcelos Brandão com o governador do estado Pedro Gondim.

Nessa época, seu irmão João Francisco fez concurso para promotor público e foi aprovado. Como ele ensinava particular aos filhos do governador logo foi nomeado para a cidade de Santa Rita. No ano de 1963, o Cônego João Marques Pereira conseguiu a fundação do Ginásio Wamberto Torreão. Nesse período, ela não tinha condição de ensinar nos dois educandários, pois já tinha dois filhos, então o padre a dispensou da Escola Profissional Pio XII e a deixou apenas no ginásio.

Em 1960, o doutor Inácio Antonino, prefeito de São João do Cariri, convidou-a para dar um curso de capacitação às professoras de todo município. Esse curso foi dado no mês de janeiro, nos três expedientes, com o programa do curso primário.

No dia 11 de fevereiro de 1960, casou-se com Tagi Nunes de Sousa e ficou morando em Serra Branca, na casa em que ainda hoje mora. Depois de casado seu esposo não voltou mais para o Rio de Janeiro, continuou trabalhando aqui mesmo.

Criaram quatro filhos: Luzia Cristina, Paulo Giovani, Pedro Germano e Luciana. Nasceu também José Hermínio, era de sete meses e só sobreviveu cinco dias. Tomaram conta de Ubaldo Leão de Oliveira (Babau), desde os três anos e cinco meses, quando a mãe deste, Maria do Socorro Leão, faleceu, e ainda hoje mora com eles ajudando no sítio. Seu irmão Sosmani José (Mani) também ficou uns tempos em sua casa. Claudelúcia da Silva Santos veio com 13 anos ajudar em sua casa, hoje é casada, mãe de uma filha, Ana Carolina, e ainda ajuda a professora. É considerada como filha.

Em 1970, foi classificada para fazer o curso de Suficiência

no Trabalho de Educação em João Pessoa com duração de quatro meses e meio. Então teve que deixar os quatro filhos pequenos com o pai na casa do avô Pedro Nunes. Esse curso dava o direito de ensinar o ginásio. Fez o supletivo (Ensino Médio) no colégio da Prata em Campina Grande.

Em 1977, através do incentivo de algumas colegas foi fazer o vestibular para o Curso de História na Faculdade de Arco Verde-PE. Nessa época só havia o curso de Licenciatura Curta; fazia os trabalhos em casa e passava uma semana em cada bimestre na Faculdade, fazendo as provas. Quando terminou a licenciatura curta foi implantada a Licenciatura Plena e ela deu continuidade e concluiu em 1981.

Estelita, desde que veio morar em Serra Branca, participa de trabalhos da Igreja: Pastoral de Batismo, Crisma, Casamento etc. Atualmente faz parte do Grupo da Melhor Idade Pioneiro do Amor, onde é secretária. O grupo foi fundado no dia 23 de julho de 2001, pela então secretária de ação social do município Maria de Fátima Fialho; faz parte do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e do Conselho de Assistência Social, representando os idosos.

Sente-se realizada como filha, esposa, mãe e professora. Para a geração presente e futura diz o seguinte: Vale a pena viver, lutar e servir, orientando valores familiares e do Evangelho.

Escreveu os livros Genealogia dos Antoninos e Fatos Históricos de Serra Branca.

Obs. Este texto foi organizado pelas professoras da Escola Estadual Senador José Gaudêncio Maria das Graças Antonino e Maria do Socorro Lopo.

Biografia de Tagi Nunes

Tagi Nunes de Sousa nasceu no dia 04 de outubro de 1928 (embora no registro de nascimento conste 28/10/1928), filho de Pedro Nunes de Sousa e Leopoldina Dourado de Farias.

Quando sua mãe faleceu, ele tinha apenas 5 anos de idade, deixando ele e mais duas irmãs: Francisca (Nazinha) e Maria, que era a mais nova das três.

Tagi com seu pai e Maria foram morar na casa de Margarida que era casada com Inácio João, tio de seu pai, e Nazinha foi morar com a avó materna.

Pouco tempo depois, Pedro Nunes foi com Tagi para o Juazeiro do Norte. Lá, casou-se com Maria Regis, passaram dois anos morando lá e quando voltaram a casa estava ocupada por um morador que tinha um tempo certo para entregar. Por isso, eles foram para a casa em que seu tio Fernandes morava, casa esta construída por João Antonino, avô de seu pai.

Nesse período, Nazinha voltou da casa de sua avó para ficar com seu pai.

No Ligeiro passaram cerca de 1 ano.

Foi lá que Tagi aprendeu a ler e escrever com a professora Rita Tavares (Dudu).

Tagi, enquanto estava em casa, trabalhava com seu pai, inclusive fazendo ancoretas. Mas em 1952 tomou dinheiro emprestado e foi trabalhar no Rio de Janeiro. Nessa época viajava-se em um caminhão pau-de-arara e passava-se cerca de 7 a 8 dias para chegar, mas lá não faltava serviço nas construções. Começou trabalhando de carpinteiro, depois passou a trabalhar de pedreiro e estucador. Trabalhou na firma Cosme Engenharia, Construtora Federal, depois como empreiteiro no Posto 4 da Avenida Atlântica de Copacabana e em muitas outras construções, de 1952 a 1959. Só vinha em casa de 2 em 2 anos, mas mandava dinheiro para

casa todos os meses. No período de noivado, construiu sua casa onde mora até hoje.

Depois de casado, Tagi não voltou mais para trabalhar no Rio de Janeiro. Em Serra Branca ele ficou cuidando da terra de seu pai que faleceu em 1977 e comprou outras terras de pessoas vizinhas; continuou trabalhando em construções como o Colégio Wamberto Torreão, o Hospital e Maternidade Alice Gauêncio, o Banco do Estado da Paraíba e muitas residências, até poucos anos atrás.

Homenagem ao meu irmão João

João Francisco de Assis, meu irmão mais velho, foi para mim um segundo pai.

Como sua filha Diana Carmen relatou um pouco da dificuldade que ele passou para fazer o Curso Superior de Direito chegando a ser Promotor Público, eu quero neste livro dedicar-lhe uma página de agradecimento pelo interesse que teve pelos meus estudos depois do curso primário.

Foi uma dádiva de Deus o que ele fez por mim. Parecendo ser um destino do Criador, em 1945 ele foi ao colégio das Damas em Campina Grande obter informações para que eu fosse estudar naquele Educandário.

Mas chegando em casa, de férias, soube que mamãe estava grávida de Zefa, minha irmã mais nova, e ele viu que eu não tinha condições de sair e deixá-la, com, além de uma criança recém-nascida, 6 filhos mais novos do que eu para cuidar. Somente em 1947, ele tentou novamente lutar pelos meus estudos, dessa vez no Ginásio Santa Rita de Areia. Foi através de sua grande dedicação e da ajuda financeira de meus pais que tiravam do pouco que tinham para as despesas da família para mandar a mensalidade do colégio. Nessa época, eu tinha apenas o curso ginásial e ensinava no Colégio Wamberto Torreão, contribuindo para que os alunos que fossem fazer o vestibular obtivessem aprovação para os mais diversos cursos superiores. Foi também João quem conseguiu, por amizade, a minha nomeação para professora no Grupo Escolar Vasconcelos Brandão. Embora pelos meus esforços tenha conseguido fazer o curso superior em História. Sinto-me realizada pela colaboração que dei na educação das crianças e jovens de Serra Branca e de cidades vizinhas, o que sempre fiz com muito amor, desejando a todos um futuro promissor como verdadeiros cidadãos e ao meu irmão João Francisco a minha

imortal gratidão, desejando-lhe uma eternidade feliz, desde que, pela vontade divina, ele separou-se tão cedo do nosso convívio.

Se não fosse o seu empenho para eu continuar os estudos, não teria sido **professora no Colégio Wamberto Torreão**, hoje Escola Estadual Senador José Gaudêncio, contribuindo para a educação dos jovens naquele educandário, pois a dificuldade para conseguir professor capacitado naquela época era imensa, principalmente porque o salário era irrisório, devido a situação financeira da Paróquia, por quem era mantido.

Homenagem à Madrinha Auta

Aqui estamos reunidos nessa celebração em sua casa no Ligeiro para agradecer a Deus por esta data tão significativa que lhe foi concedida, de 80 anos de vida com saúde e em paz consigo mesma e com todas as pessoas com quem conviveu, sem se ausentar da casa onde nasceu a não ser para passeios aos lugares onde moram seus irmãos.

Em 1917, há 84 anos contraíram seus matrimônios, tio José Leôncio e seu irmão Chico João com madrinha Lola e sua irmã Eutália, respectivamente, construindo suas casas no Ligeiro, ou como muitos chamam no Belo Monte, e formaram os seus lares, que apesar das dificuldades por que passaram, cada uma com dez filhos para criar, nunca abriram mãos de suas responsabilidades, de seus compromissos na família, procurando educar todos os seus filhos baseados nos valores espirituais e morais, dando sempre o exemplo de verdadeiros cristãos de acordo com a realidade de sua época.

Madrinha Auta, sendo a segunda filha do casal José Leôncio e Madrinha Lola, sempre trabalhou mais, cuidando dos irmãos menores e dos afazeres da casa junto a sua mãe, com muita paciência, mas com uma dedicação constante, pois a casa de tio José Leôncio sempre foi uma casa cheia, com trabalhadores e pessoas da família que eles sempre acolheram como a nossa madrinha do Ariú, tio Vitorino e tio Anísio que não tinham filhos. Criaram também uma sobrinha, Solange, a partir de 3 anos de idade, que ficou órfã de mãe, e a professora Dudu Tavares que desde 1937 passou a residir na casa de tio José Leôncio e aí ensinou todas as crianças, adolescentes e jovens, não somente do Ligeiro mas de todos os arredores.

Todos os outros filhos saíram cada qual tomando o seu rumo; uns até para São Paulo, Minas Gerais, Bahia. Mas Madrinha

Auta permaneceu em casa com a ajuda de dois irmãos que ficaram morando vizinhos; sempre mantendo a casa como era no tempo de seus pais, com trabalhadores como João Teotônio que sempre foi de sua inteira confiança, acolhendo como uma verdadeira mãe todos os irmãos com suas famílias quando chegavam para passar dias com ela e visitar os familiares e pessoas amigas de sua família, como o doutor Djalma Oliveira Antonino.

Madrinha Auta, sempre animada, participou da vida da Igreja como catequista em sua própria casa onde funcionava a escola; fazia parte da Associação da Pia União das Filhas de Maria e das festas que havia em Serra Branca, sem desviar do seu comportamento exemplar, característico de sua personalidade, que até hoje ela dá prova, onde quer que esteja, indo todos os sábados fazer a feira, participando de festas sociais ou da Igreja, o que serve de exemplo para todos nós, com a calma que sempre mantém.

Hoje, representando principalmente as duas famílias e todos os que pertencem à família Antonino, queremos lhe transmitir os nossos parabéns acompanhados dos mais sinceros votos de felicidade, com saúde e paz, com seus dias produtivos para o bem dos outros como sempre foi, com coragem e disposição de participar até hoje de eventos sociais e religiosos, tanto no Ligeiro como em Serra Branca e em São João do Cariri, em consideração a sua grande amiga Dudu Tavares.

Não tendo palavras para expressar o que a sua pessoa merece, peço ao Senhor Deus que mantenha ainda por muitos anos a chama do seu viver e derrame sobre a senhora nesta data e sempre a luz de sua divina bênção.

Homenagens dos sobrinhos ausentes a Tia Auta no seu aniversário de 80 anos

"Quem dá, faça-o com simplicidade; quem preside faça-o com zelo; quem exerce misericórdia, faça-o com alegria" (Romanos - 12,08).

Neste momento de graça, gostaríamos que em nome dos sobrinhos que não puderam estar presentes fisicamente nesta data, dizer algo. O trecho de Romanos citado descreve quem é Auta. Por isso fica difícil neste momento chamá-la de tia, pois na verdade és muito mais, és vó. Fica difícil para teus irmãos chamá-la de irmã, uma vez que és uma grande e dedicada mãe. Fica impossível aos teus cunhados e cunhadas, vê-la desta forma, pois também fazes o papel de sogra. É mais fácil chamá-la de amiga

Detenhamo-nos sobre a primeira disposição que é fundamental para todos: a simplicidade. "Quem dá...", geralmente é aquele que partilha com outras pessoas algo de sua propriedade ou do seu lucro. Para fazê-lo deve agir com simplicidade, isto é, sem segundas intenções, movido somente pelo fato da pessoa ter recebido. Jesus expressa essa exigência quando diz: "Recebeste de graça, daí de graça". De graça não apenas sem exigir recompensa em dinheiro, mas também sem exigir nenhum tipo de recompensa, nem de gratidão nem de glória, sem querer ser considerado benfeitor, sem tornar pesado o que se dá, agindo de tal forma que a mão esquerda não saiba o que fez a direita. Ora, isto é o que vemos realizado de maneira sublime em todas as tuas ações.

Tia Auta, obrigado pelo teu despojar-se, pela tua completa doação. Obrigado pelo teu amor e por permitir-nos amá-la. Muito mais que parabenizá-la neste momento, agradecemos a Deus por ter-nos permitido testemunhar este amor que é a tua vida. Que Deus continue derramando sobre a senhora e sobre todos nós que estamos a tua volta muitas bênçãos.

Obs.: Texto escrito por Técio e Camila, representando os familiares que não puderam estar presentes ao aniversário de madrinha Auta.

Homenagem de Socorro Diniz, no seu livro Vida Versos Vivências, a Estelita Antonino

*A mulher que sonha. transformar o mundo
Passos rápidos, olhar perspicaz, face ávida pela
transformação do mundo. Irrequieta entre
educandários e ruas segue: sonhando com uma
Educação de qualidade, bons costumes e promoção
humana.*

*Vislumbrando seus irmãos com direito à Saúde, sem
necessitarem de recorrer a filas intermináveis em
busca de um pouco de alívio para seus flagelos. Tendo
cada dia, o pão para o seu sustento, extraído pelo suor
e a dignidade do seu Trabalho.*

*Esta é a Esperança de uma mulher guerreira, que
carrega consigo o sonho da transformação.*

*Vive lutando contra adversidades e problemas, na
espera de presenciar um mundo onde impere
Liberdade, Igualdade, Justiça e compromisso! Indo ao
encontro e de encontro das modernidades e injustiça
que não permitem que o desafortunado cresça e se
torne gente. Vai percorrendo seu caminho, oferecendo
sua parcela de contribuição: instruindo, orientando,
educando, na oração e na ação.*

*O êxito da sua luta é retratado no exercício
diário, que faz dos seus esforços o maior Testemunho.
Amiga, mãe, professora e senhora. Na verdade, esta
mulher tem uma marca: chama-se ESTELITA Antonino*

Homenagem Especial do Grêmio Estudantil Senador José Gaudêncio com dedicatória da professoras Graça Antonino e Socorro Lôpo a Estelita Antonino

Estelita Antonino de Sousa, considerada uma professora iniciadora da Educação serra-branquense, assumiu a responsabilidade de encaminhar crianças, adolescentes e jovens na formação de cidadãos e, na realidade, cumpriu sua missão. Hoje, podemos comprovar isso através de muitos profissionais capacitados que assumem suas profissões em outros Estados e aqui mesmo, considerados competentes e de renome. Todos eles têm a professora Estelita não apenas como uma ex-professora e sim como um "Baluarte" na Educação serra-branquense.

Na verdade, o interessante é que a professora Estelita aposentou-se, mas o que ela mesma queria era ainda hoje estar na sala de aula, mostrando o porquê de ensinar não apenas a História (disciplina) e sim aquela responsabilidade de saber conduzir os jovens para um amanhã promissor.

Dedicatória

Professora Estelita, esse título lhe dá muito orgulho, porque a senhora soube tê-lo. Se foi difícil adquiri-lo, muito mais difícil será tirá-lo. Por isso, hoje, 17 de dezembro de 2004, estamos lhe homenageando como professora exemplo para todas as gerações, não apenas por sua capacidade de ensinar, mas, sobretudo, pelo amor e dedicação que a senhora tinha e tem com a Educação serra-branquense.

Admiramos quando comentamos o grande desinteresse dos alunos e, maior ainda, o descaso dos nossos governantes para com o nosso trabalho e a senhora sempre responde: Façam o

que cabe a vocês, que é realmente educar e orientar os jovens de Serra Branca. Ficamos felizes, pois a senhora nos mostra a responsabilidade que temos em nossas mãos, ou seja, o futuro dos nossos jovens depende de nós professores. Obrigada, obrigada, obrigada.

Homenagem de Socorro Diniz, no seu livro *Vida Versos Vivências*, a Dr. Djalma Antonino

A bênção de servir

Doutor Djalma Antonino: ao nascer, Deus te deu sabedoria, ao crescer buscaste conhecimento e descobriste que a família é um tesouro, a amizade um refugio e os enfermos, instrumentos para prática do bem. Inexplicável é: por que algumas pessoas nos deixam desesperanças, enquanto que outras servem de luz na caminhada. Estes são escolhidos para servir de sinal do Altíssimo entre os homens.

Fico a questionar, quantos, ao longo da existência, já foram guiados pela tua luz, em busca de alívio para tuas dores e direcionaste os passos destes para um lugar seguro conquistando assim, novos amigos e pondo em prática a missão que assumiste. Impossível é separar o homem do médico! És o protótipo dos que cumprem seus deveres no desempenho de tão nobre ministério. Louvável dedicação com o pequeno, em especial com os mais pobres!

Apesar de teres sido abraçado por outros centros, não negas tuas origens e sim, fazes dessa, um elo entre a busca e a cura, tornando-se assim sinónimo de esperança para os que sofrem, Segues ainda que doente levando um pouco de firmeza a mãos trémulas ou mesmo uma centelha de brilho a um olhar distante que foi castigado pelas adversidades da vida.

Entristece-me ver que já não possuis a mesma agilidade, mas é gratificante saber que a tua passagem por esta terra será um marco na história, em especial,

em pequenas Regiões como a nossa!

Em nome dos anónimos, agradeço todos os favores e benefícios que fizeste e continuas a fazer.

Lembrando-te que há mãos que afagam e as que maltratam; as que amaldiçoam e as que santificam, todavia há também as que proporcionam o milagre da vida e a dádiva do reviver.

Feliz do homem que Ihe foi dado este dom!

Meu desejo é que as santas mãos de Deus te abençoem, presenteando-te alegria para alegrar os tristes, saúde para cuidar dos doentes, esperanças para animar os desesperados e forças para cuidar dos fracos.

Com respeito.

Primeiros habitantes do Ligeiro

Antonio José Gonçalves, natural de Pernambuco, casou-se com Águida Maria da Conceição, natural de Boa Vista, construiu sua primeira casa em Serra Branca, onde hoje fica o roçado dos herdeiros de Tranquilino Antonino, um de seus filhos. Foi vaqueiro do Coronel Antonio Gaião (Tota Gaião) que além de fazendeiro era comerciante e morava às margens do rio Jatobá (hoje bairro dos Pereiros, casa dos Borbas). Depois de um certo tempo, Antonino José Gonçalves comprou as terras a partir do meio do rio de Serra Branca com 170 braças de frente (1 braça equivale a 2 metros) e 2 léguas de fundo (1 légua equivale a 6 quilômetros) em direção ao Ligeiro, ao coronel Antonio Alves Pequeno; outros dizem que foi ao Dr. Francisco Aprígio de Vasconcelos Brandão. Fez uma tapera à beira da lagoa do Ligeiro. Depois fez a casa; seu filho Isidro casou-se e ficou morando com ele. Encostado a casa ele construiu a casa de farinha, com ajuda de alguns filhos. Essa casa de farinha serviu de residência para muitas pessoas da família Antonino enquanto não tinham uma casa para morar. Todos os seus filhos criados no Ligeiro viviam da criação de gado, bode, ovelha, animal cavalar e trabalhavam na agricultura plantando milho, feijão, mandioca; usados para o consumo da família, e o plantio de algodão era a principal fonte de renda.

Não havia cercado, o gado se espalhava para outros lugares: Barra de São Miguel, Gravatá, Serra do Desterro e Pageú. Os bezerrros eram ferrados na sede da fazenda e depois de soltos ganhavam o pasto.

João Antonino, um dos filhos de Antonino José Gonçalves, comprou 100 braças de frente e 2 léguas de fundo, a terra também a partir do meio do rio de Serra Branca. Construiu sua casa no Belo Monte, antes mesmo de seu pai construir a dele; chegou a criar 800 reses, sendo 200 vacas de ponta serrada, 14 cavalos de

campo, inclusive o cavalo chamado "Náfico" que foi o melhor da região. João Antonino comprava gado no Piauí, viajava a cavalo e os portadores levavam as cargas de mantimentos. Lá comprava o gado e os portadores traziam para negociar no agreste de Pernambuco, Vitória, Caruaru etc. Numa dessas viagens, foi acometido por uma febre e imediatamente faleceu. A viúva Ana Justina com o choque que teve faleceu poucos meses depois. Os 11 filhos que ficaram órfãos foram morar com o avô padrinho Antonino. João Antonino faleceu aos 42 anos.

Joaquim Nunes Pereira, filho de Donário Nunes Pereira, veio de Cabaceiras. Era casado com uma filha de Geraldo Manoel de Sousa, ficou viúvo e casou-se com Francisca, filha de João Antonino, ainda muito jovem. Os irmãos foram saindo da casa de seu avô e foram morar com a irmã até casarem, pois Joaquim Nunes ficou morando na casa que pertencia a João Antonino. Joaquim Nunes ficou sendo o professor do Ligeiro, desde que casou até 1930 quando faleceu de tuberculose, uma doença que naquela época era incurável, e no Ligeiro faleceram muitas pessoas.

A família Antonino sempre colaborou com a Igreja. Após o término da matriz, João Antonino doou a imagem de São Sebastião. Quando foi feita a igreja no Ligeiro, o padroeiro escolhido foi São Sebastião e a imagem doada por João Antonino foi levada para lá sendo venerada pela comunidade e vizinhanças.

A casa de Antonio Antonino de Sousa e Edwirges Antonino de Sousa foi construída em 1912. Antes o casal morava na casa de farinha de seu pai.

Segundo entrevista com Manoel Alves Pereira (Seu Nené), Antonio Antonino filho de Antonino José Gonçalves também comprou 170 braças de terra de largura com 2 léguas de fundo, e era o chefe dos vaqueiros do Ligeiro. No mês de agosto, o povo que possuía gado vinha de todos os lugares para juntar e levar o

que lhe pertencia. Vinha vaqueiro de Cabaceiras, Algodois, Cordeiros, Livramento e Taperoá. Eram as chamadas apartações, que em Serra Branca se realizavam onde morava José Antonino (Zé do Chão) e onde morava Joaquim Borba (na casa dos Borbas); havia também nos Caboclos e na Craibeira.

Todas as pessoas do Ligeiro faziam parte na apartação, daí se originou a vaquejada naquele lugar.

O Sr. Clementino Ramos Correia Lima era o dono da fazenda Água Doce e o vaqueiro era Chico Grande pai de Seu Nené, que além de trabalhar no campo ajudava em outros serviços da fazenda. Seu Nené nasceu em 19 de setembro de 1919. Em 1930 já vinha para as apartações. Ele conheceu as casas do Sr. Tranquilino Antonino e Inácio João onde é hoje o bairro do Pilão.

Antonio Antonino era vaqueiro de Pedro Coutinho, depois de sua morte chegou em Serra Branca o filho, Pedro Coutinho Filho. Este vendeu as terras do Ligeiro a Antonio Antonino de Sousa que ficou sendo vaqueiro de Laura, Zumba e Brejeiro e depois comprou o gado dessas três pessoas. Após essas compras, Antonio Antonino de Sousa ficou sendo o maior criador de gado da fazenda Ligeiro com 800 cabeças de gado criação de bode, ovelha e animais. Trabalhava também várias pessoas na agricultura. Em 1934, tirava leite de 120 vacas e fazia muito queijo de manteiga. Quando o ano era bom de inverno chegava a fazer 15 quilos de queijo por dia. Como era um queijo bem feito (bem cozido), passava de um ano para outro, de tanto queijo que se fazia. Trabalhava muita gente nesta casa. O pagamento dos trabalhadores era com dinheiro e também tirando sorte. Quando nascia 4 animais 1 animal era de quem cuidava. Entre os trabalhadores os que mais se destacaram e trabalharam como vaqueiros foram José Canário que morava nas Aroeiras e João Barbosa que começou a trabalhar no dia 14/05/1942 até o dia 16/02/1963. Ele recebia como pagamento tirando sorte. Por exemplo,

nascia 4 bezerras, cabritos, 1(um) era do vaqueiro. Outra pessoa que se destacou como trabalhadora na casa de Antonio Antonino foi Severina Correia Leima (Dina). Ela chegou em 1928, era uma pessoa de confiança da casa de dona Edwírges e cuidou ainda de Inácio Antonino.

Antonio Antonino doou a imagem de Santa Terezinha. Depois a igreja foi reformada, Dr. Inácio Antonino queria levar a imagem para o Ligeiro, mas Padre Valdir disse que ia fazer um centro de reunião e colocar a imagem lá. O centro foi construído perto da BR 412 e recebeu o nome Centro Santa Terezinha.

Antonino também doou as imagens de Nossa Senhora de Lurdes e Santa Bernadete para serem colocadas na Gruta de Nossa Senhora de Lurdes que foi construída em 1939, vizinha à Igreja Matriz de Serra Branca.

Manoel Antonino, casado com Inácia Brandão, era marchante, isto é, comprava boi para vender em pé, levando também para Vitória e Caruaru, por isso seu rebanho não era fixo, comprava e vendia. João Antonino também vendia gado a Manoel Antonino.

Para a Igreja Matriz de Serra Branca ser construída teve participação de várias pessoas. Mas a família Antonino se dedicou com muita garra até terminar. Manoel Antonino pagava trabalhador diariamente. Começou com boi e couro de arrasto, depois surgiu o carro de boi, como era feito de madeira quebrava muito, mas Manoel Antonino tinha um trabalhador consertando este carro de boi, para o serviço da Igreja não parar.

Pessoas que vieram morar no Ligeiro e prestaram sua contribuição

Geraldo Manoel de Sousa morava na Fazenda Remenda (sul de Pernambuco), casou a primeira vez nessa Fazenda e a sua mulher encontrou enterradas cinco latas de ouro, mas só arrancou uma lata. A primeira esposa de Geraldo morreu no sul e ele casou-se a segunda vez. Não encontramos os nomes de suas duas esposas. Ele veio morar em Serra Branca na casa de José Antonino (Zé do Chão).

Não sabemos quem construiu essa casa, pois contam que o velho Geraldo, como era conhecido, vendeu a casa que morava a Antonio Antonino.

Geraldo, com a lata de ouro, ficou negociando com boi tendo como sócio João Antonino, a única pessoa a quem emprestava dinheiro.

Outra pessoa que veio de Cabaceiras para o Ligeiro foi o senhor Joaquim Nunes Pereira. Ele era filho de Donário Nunes Pereira e casou-se a primeira vez com a filha do velho Geraldo que teve Severino Geraldo (também não foi encontrado o nome da mãe de Severino Geraldo).

Quando a filha do velho Geraldo morreu, Joaquim Nunes casou-se com Francisca Romana da Conceição, filha mais velha de João Antonino e Ana Justina, que ainda era muito jovem. Dizem que quem mais se interessou para a realização desse casamento foi o velho Geraldo, pois tendo sido o sogro de Joaquim Nunes via nele a responsabilidade de ajudar a criar seus cunhados que ficaram órfãos todos crianças. Realmente, podemos dizer que Joaquim Nunes foi um grande benfeitor para os filhos de João Antonino e Ana Justina, pois foi o segundo pai e professor de todos e Severino era irmão por parte de pai dos filhos de Joaquim Nunes e Francisca, por isso vou citá-lo aqui como sendo família

dos Antoninos.

Severino Geraldo casou-se com Ana Maria Sousa e teve os filhos, do primeiro casamento:

1° Pedro Geraldo de Souza

2° Nelcina Maria de Souza

3° Hermenegilda de Souza (Miné).

Casou-se a segunda vez com Vicência Tereza de Jesus e teve os filhos:

1° Daniel Severino de Souza

2° Antonio Severino de Souza.

O terceiro casamento foi com Josefa Velez e teve os filhos:

1° Lino Severino de Souza

2° Marina de Souza

O quarto casamento foi com Maria José de Carvalho e teve os filhos

1° Marina de Souza Castro

2° Hélio Severino de Souza

Geraldo Manoel de Souza (Velho Geraldo) morava na casa de Antonio Antonino e faleceu entre 1933 e 1934

Almocreves do Ligeiro

Honorato Evangelista de Souza, casado com Mariola, possuía sua terra no Ligeiro como todos da família Antonino, plantava seu roçado, criava gado, ovelha e bode, embora em pequena quantidade. Além disso, almocrejava com 5 burros viajando para Caruaru, Recife e outras cidades de Pernambuco. Levava para vender nestes lugares manteiga de lata de 20 quilos e queijo de manteiga.

Seu filho Severino Honorato e Adrone, filho de Ana Rita de Souza (Nanú viúva) também viajavam com ele. Traziam para vender em Serra Branca feijão, farinha, milho, café e outros produtos que vendiam na feira. Quando vendiam toda mercadoria voltavam para comprar mais.

Quando Honorato não pôde mais viajar, ficou seu filho Severino Honorato por muito tempo. Os alimentos usados pelas famílias naquela época eram feijão, farinha, carne, leite, coalhada. Quando Honorato ia viajar, matava uma criação de bode para levar para a viagem de até 15 dias. Quando o ano era seco, Honorato saía do Ligeiro e ia trabalhar no roçado em Gangungo, perto de Surubim. Plantava lá e quando lucrava trazia para o Ligeiro.

Sebastião Antonino de Sousa (Sebastião Isidro) começou a almocrevar em 1924 e fez esse trabalho durante 30 anos, carregando milho, feijão, café e farinha. Trazia 5 burros. A viagem durava aproximadamente 11 dias, de ida e volta. Viajava 8 a 9 léguas por dia e ia sempre com outros companheiros, entre eles Manoel Fernandes, Manoel Calixto, Abidias Celerino, Crispo Jacó, Pedro Jacó, Zé Aleixo.

Todos esses almocreves combinavam os dias para onde iam comprar as mercadorias que eram em Garanhuns, Caruaru, Surubim, Areia, Puxinanã e outros brejos, levavam para vender queijo, manteiga e mamona.

Havia os lugares certos, chamados os ranchos, onde dormiam; os animais descansavam, completavam os alimentos cozinhando feijão que dava para comer umas três vezes. Para todos esses que viajavam só tinham uma semana nas suas casas para o descanso e orientação para as famílias. Eles só temiam viajar quando era tempo do inverno, porque tinham de enfrentar muitas dificuldades principalmente com os animais atravessando riachos ou rios, tirando as cargas para um tipo de barco feito com paus leves, para chegar ao outro lado do rio. Sebastião Isidro casou-se com Odete Pereira.

José Antonino Sobrinho (José Leôncio), casado com Aurora (Lola), almocrevava com 5 burros de cangalha e um burro de sela no qual ele andava. Ele comprava em Serra Branca couro de boi e pele de criação (bode e ovelha) mamona e ovos de galinha para vender em Caruaru e trazia de lá café e farinha. Essa viagem era feita com outros companheiros.

Depois que ficou mais velho ficou vendendo couro e a pele em Campina Grande. Comprava também pele de animais silvestres: gato do mato, tejo, couro de raposa e couro de cobra salamanta. Seu filho Antonio Leôncio continuou almocremando com os companheiros de seu pai José Leôncio por algum tempo. Os couros e peles eram vendidos ao curtume de Raimundo Alves em Campina Grande.

José Leôncio possuía uma balança de pesar pele que seu filho Altamiro (Miro) deu de presente a Alan Antonino e outra balança romana (1 quilo vale 10 quilos) ficou para sua filha Auta e ela deu ao seu sobrinho Tício.

João Nunes era casado com Josefa Nunes (Dedé). Almocrevava com 4 burros trazendo farinha dos brejos de Pernambuco para vender aqui em Serra Branca. Colocava uma lona no chão para botar os sacos em cima e vendia por medida (uma cuia de farinha equivalia a 10 quilos). Ele fazia uma viagem

de 15 em 15 dias. Passava uma semana em casa descansando para depois fazer outra viagem.

Seu companheiro de viagem e primo legítimo, que possuía a mesma quantidade de burros e fazia o mesmo trajeto, era José Inácio Sobrinho, casado com Delfina, João Nunes comprou as terras de herança dos seus tios Teodoro e Romana no sítio Lagoa. Eles venderam aqui e compraram no Ligeiro de Baixo a Antonio Rodrigues. Sua casa é hoje a residência de Joca Aleixo.

José Inácio morava na casa de sua mãe Mariquinha, casada com Inácio João, cuja residência e a terra pertencem hoje aos herdeiros, mas é cuidada pelos netos Deda e Fátima, filhos de Chagas e Zefa Preta.

Manoel Fernandes Nunes foi almocreve viajando com uma tropa de burros para diversas cidades de Pernambuco, com mercadorias usadas no nosso município. Começou ainda quando era solteiro e tendo casado com Inácia Nunes (Nazinha) de Cabaceiras, sobrinha de seu pai Joaquim Nunes. Depois de algum tempo abandonou o trabalho de almocreve e ficou viajando para o Ceará negociando com animais. Comprava burros lá e trazia para vender em Pernambuco. Havia as pessoas que traziam animais que eram chamados de portadores, e viajavam a pé. José de Nana Leôncio (Zé do Gado) era um dos que faziam essas viagens.

Depois de um certo tempo, deixou de viajar e colocou uma fábrica de queijos num salão que construiu em sua própria casa. Comprava leite aos fazendeiros vizinhos, fazia o queijo e vendia em Campina Grande. Comprou também uma máquina para desnatar o leite, fazia a manteiga para fazer o queijo e o restante numa batedeira fazia o creme para vender.

Esta máquina ficou sendo utilizada por seus filhos Ivo e Ilton; ainda hoje aparecendo leite fazem o queijo.

José Nunes da Assis (Zé), solteiro, era filho de Luzia Nunes e Sebastião Francisco de Assis (Macaxeira). Quando seu pai faleceu, ele tinha apenas 4 anos de idade. Sua mãe, e as irmãs Maria Nunes (Lica), Alcina e Maura ficaram sem nenhum meio para sobreviver, mas seu irmão Manuel Fernandes manteve o sustento da família por 10 anos, sendo ajudado pelo trabalho do roçado e de alguns animais (gado, ovelha e bode) que Luzia possuía. Quando Zé tinha por volta de 15 anos venderam alguns animais (vaca, bode, ovelha) e compraram 4 burros com cangalhas e ele ficou trabalhando de almocreve e viajando com seu tio Fernandes para comprar mercadorias em cidades de Pernambuco, Puxinanã e outras, para vender aqui em Serra Branca. Depois que Fernandes deixou de viajar de almocreve, Zé de Luzia continuou fazendo as viagens com a família de Severino Nunes que era casado com Antonia Nunes, irmã de sua mãe Luzia, até o ano de 1945.

Sua irmã Lica sempre se importou pelo estudo, por isso sua mãe mandou-a para a casa de sua tia Severina Taboca em Serra Branca para estudar com a professora Maria Cristina de Oliveira Antonino e com a professora Maria José, esta casada com Antonio de Vicente Correia. Lica fez um concurso para professora em São João do Cariri em maio de 1945. Foi aprovada e em junho foi nomeada para o sítio Cantinho de Coxixola. Em 1948, foi transferida para o Sítio Ligeiro onde permaneceu ensinando até 1981, quando se aposentou.

Quando Lica começou a ensinar, Zé deixou de viajar como almocreve e ficou cuidando somente do roçado e de seus animais, por que Lica já ajudava na manutenção da casa.

Pequeno histórico de pessoas da Família Antonino

Isidro Antonino, um dos filhos de Antonino José Gonçalves foi quem ficou morando na casa construída por seu pai junto à casa de farinha. Vivia da criação de gado, bode, ovelha, cavalo e trabalhava também na agricultura. Casou-se com Idalina Antonino de Sousa, conhecida como Idalina de Isidro Antonino do Ligeiro que era costureira, costurava também roupa de homem inclusive paletó. Como tinha muitas filhas moças, sua casa principalmente aos domingos à tarde era muito animada e recebia muitas visitas.

José Antonino de Sousa (pai de Zé Barbeiro) nasceu em 1875, era o caçula da família de Antonino José Gonçalves. Vivia da criação de gado, bode, ovelha, cavalo e da agricultura que era a característica de todos os filhos da família Antonino do Ligeiro. Sua casa é hoje a residência de Raimundo Hilário e Zefa Antonino que só agora em 2009 passou por uma grande reforma.

Ana Rita de Souza (Nanu) nasceu no município do Congo-PB, filha de Manoel de Souza e Cotinha. Casou-se com Severino Antonino de Souza no sítio Ligeiro e tiveram 4 filhos: Josefa, Adrone, Lurdes e Francisco (Chico). E foram morar na casa de farinha. Ficou viúva muito cedo, quando Chico tinha apenas 9 meses. Houve uma febre na região e vieram a falecer 3 filhos, ficando apenas Chico. Construíram uma casa para ela morar com Chico e seu cunhado José Caipira.

Nanu era uma pessoa que distribuía simpatia e alegria por onde passava, costurava roupa de mulher e homem, inclusive paletó; tirava leite das vacas e fazia queijo. Chico de Nanu, como era conhecido, começou a trabalhar muito novo cuidando do gado, só estudou até a terceira série. Casou-se com 32 anos de idade com Josefa Antonino de Souza, filha de Honorato Evangelista de Souza e Mariola. Namoraram 12 anos, casaram em 1952 e tiveram 8 filhos. Chico trabalhou muito durante toda vida, juntamente

com sua esposa Zefa criaram e educaram os filhos com dificuldade. Todos estudaram e só não fez o curso Superior aquele que não tentou.

Mesmo aposentado, Chico nunca deixou de trabalhar. Na conversa com os amigos, contava histórias engraçadas o que fazia as pessoas rirem. Certo dia, na minha casa, Tagi lhe contou que Paulo Giovani quando era pequeno tinha um verme que o levava a colocar terra na boca. Ouvindo isso, Chico disse com muita graça: "Ah! Se os meus filhos comessem terra! Mas não adiantava, porque perto da minha casa só tem pedra."

Com a cirurgia de catarata não muito bem sucedida teve que reduzir o fluxo do trabalho, mas não deixou de fazê-lo. Veio a falecer no dia 15 de maio de 2008, faltando 5 dias para completar 88 anos, quando estava na janela da sala de sua casa. Foi um homem que deixou inesquecíveis saudades para seus filhos, esposa, parentes e amigos.

Alípio Evangelista de Sousa, casado com Francisca Bernardo, era marchante, comprava boi, abatia e trazia em burros para vender na feira de Serra Branca. Também vendia em pé, isto é para outras pessoas matarem e prepararem a carne para vender. Depois de muito tempo morando no Ligeiro desenvolvendo essas atividades, mudou-se para a cidade de Monteiro com sua família na década de 1940, lá ficou morando, terminou de criar seus filhos que continuaram vivendo e foi onde faleceu.

Antonio Francisco Barbosa (Antonio Barbosa) veio de Serraria aos 14 anos com um matulão nas costas procurando trabalho. Chegou a casa de Manoel Antonino no Ligeiro e ficou trabalhando lá nos serviços da fazenda.

Manoel Antonino comprava gado e ele levava a pé para vender em Caruaru e Santa Cruz. Fazia o negócio do gado, trazia o dinheiro no matulão, pois era da confiança do patrão. Casou-se com a sobrinha de Manoel Antonino, Águida Antonino de Sousa

(Guida de Antonio Barbosa) e ficou morando no Ligeiro. Depois de casado, ficou comprando e matando gado, criação de ovelha e bode para matar e vender na feira de Serra Branca. Veio morar em Serra Branca em 1947. Na rua do Rabo da Gata como era conhecida e ainda hoje a maioria das pessoas a chamam com esse nome, mas o nome é Rua Joaquim de Andrade Gaião. Continuou no mesmo trabalho de matança e na agricultura. Comprou uma parte de terra no sitio Barbosa onde trabalhava com a família. Faleceu em 1973 com a doença de Chagas (do barbeiro), depois de ficar doente por 5 anos.

Pedro Peba de Almeida (Pedro Barbosa) casou-se com Francisca Antonino das Chagas, filha de Isidro Antonino e Idalina de Sousa. Ficaram morando no Ligeiro e tiveram 3 filhos: Francisco (Chico Pereira) Valdomiro e Margarida Antonino. Pedro Barbosa era marchante. Quando sua esposa faleceu, os dois filhos Francisco e Valdomiro ficaram morando com os avós e Margarida foi morar com sua tia Quitéria Antonino, casada com Severino Pedro Aires. Estes moravam muito tempo no Ligeiro, lá no alto no caminho de Coxixola, a casa que hoje pertence a Heleno, filho de Chico Preto.

Ele vendeu a casa a Sebastião Isidro, veio morar na casa de farinha e depois ficou morando na casa de seu pai Isidro.

Severino Pedro tinha uma sapataria no Ligeiro instalada na casa de farinha. Depois vieram morar em Serra Branca onde instalaram a sapataria bem mais equipada e Margarida continuou morando com eles. Depois Quitéria teve 3 filhos: Maria das Dores, Maria da Guia e Hélio.

Pedro Barbosa casou-se a segunda vez com a Sra. Enedina Torreão que possuía um hotel, o mais arrojado da cidade - Hotel Serra Branca - e Pedro Barbosa sendo agora seu esposo botou um bar numa parte do hotel onde vendia cizano, alcatrão, cachaça, refrigerante e cigarro.

Idalina Antonino de Sousa era filha de Antonino José Gonçalves, casou-se com Manoel Honorato Brandão, irmão de José Honorato Brandão, pai de Honorato Brandão. Eram vaqueiros, gostavam do campo, pegavam um boi bravo que nenhum vaqueiro tinha conseguido, em Cabaceiras. João Honorato, filho de Manoel Honorato, casou-se com Severina Ana de Souza e tiveram 11 filhos, entre eles: Antonino Pereira de Souza. O pai deste morou em diversos lugares, como na casa de José Antonino (Zé do Chão), onde Antonino nasceu em 1922. Depois mudou-se para o Jatobá em 1924. Em seguida, mudou-se para uma fazenda chamada Saco que pertencia a Inácio Dantas de Cordeiros onde foi ser vaqueiro e passou 4 anos, não se deu bem lá com o dono e voltou para seu terreno no Jatobá onde moraram até 1937. Depois foram morar em Santa Clara na fazenda do Sr. Boaventura Braz (Seu Bone) onde passaram 12 anos. No Jatobá, plantaram muito algodão e Antonino e seus dois irmãos pequenos iam para lá no tempo da safra para apanhar algodão. Em 1948, Antonino foi trabalhar no Rio de Janeiro onde ficou por 3 anos. Primeiro trabalhou com armação de ferro. Em 1954, voltando para o Rio de Janeiro, foi trabalhar de pedreiro. Ficou indo trabalhar no Rio de Janeiro até 1971, no mês de julho. Casou-se com Maria José de Souza (Nenê) de Santa Clara, em outubro de 1951. Ele mandava o dinheiro todo mês e Nenê ficava resolvendo tudo, inclusive a criação de 6 filhos.

Quando casaram, moraram pouco tempo no sítio Macambira, perto de Algoduais, depois vieram morar em Serra Branca, desde 1954 até hoje. Trabalhou no Colégio Wamberto Torreão e outras construções, mas sempre voltando para o Rio de Janeiro. Quando Antonino voltou de vez para Serra Branca em 1971, continuou trabalhando em construção, fez cerca de 10 Grupos Escolares para o Município de Serra Branca, 5 casas de Dona Isaura Torreão e muitas outras construções, até um ano atrás.

José Canário era casado com Ana Francisca de Sousa (Aninha). Ela era filha de Joaquim Nunes e Francisca Romana. Ele era vaqueiro na Fazenda Aroeiras que Antonio Antonino comprou para sua esposa Edwirges, que era sua sobrinha, e não eram casados no civil. José Canário foi vaqueiro na fazenda Aroeiras, perto de Coxixola, de 1928 até 1959. Era a pessoa de confiança da fazenda, trabalhador e honesto. Tiveram 13 filhos (9 mulheres e 4 homens)

José Canário e Aninha tiveram 2 filhas casadas com 2 filhos do dono da fazenda. Inácio Antonino Gonçalves casado com Terezinha Nunes Gonçalves e Francisco Antonino de Sousa casado com Justina Nunes. José Canário, além de vaqueiro, carregava lenha num carro com 2 bois, das Aroeiras para Serra Branca, com certeza para completar a manutenção da família. Quando se ouvia a cantiga do carro de boi já se sabia que era ele que ia passando.

Ele trabalhou na fazenda Aroeiras até falecer. A viúva Aninha e os filhos continuaram morando na fazenda até 1964. Depois os herdeiros dividiram as partes e venderam. Um dos herdeiros, Francisco Antonino de Sousa (Chico Preto), casado com Justina, não vendeu a sua parte. Os filhos de José Canário continuaram morando nas Aroeiras. Até hoje ainda mora um filho de Quinca Canário casado com Nazinha. Eles não têm filhos.

Francisco Antonino de Sousa (Chico Preto), filho de Antonio Antonino e Edwirges Antonino, nasceu em 1918, casou-se com Justina Nunes de Sousa no ano de 1946. A casa de Chico Preto, no alto caminho de Coxixola, pertenceu a Severino Pedro, esposo de Quitéria de Isidro Antonino, que a vendeu a Sebastião Isidro e lá nasceram seus primeiros filhos; depois Chico Preto comprou e morou lá até quando faleceu.

Vizinha à casa de Chico Preto havia a casa de Severino Antonino (Severino Cego), também filho de Antonio Antonino e Edwirges, onde criou sua família. Ele era casado com Nenê Barros.

José Leôncio comprou essa casa, derrubou-a e com o material fez a casa de farinha no sítio Barbosa.

Chico Preto morou até casar com seus pais, viveu sempre da criação de gado bovino, ovino, caprino e do plantio de algodão que eram as fontes de renda da época. Ele gostava muito de participar das apartações que deu origem as vaquejadas. Chico Preto e Justina só tiveram um filho Heleno Antonino de Sousa e criaram José Morais de Lima (Zé Mago) que perdeu sua mãe após seu nascimento. Aninha e Justina sua filha foram lá fazer uma visita, encontraram-no numa rede totalmente abandonado. Elas trouxeram e ficaram criando nas Aroeiras. Quando Justina casou, ele já tinha cerca de 6 anos e ela o trouxe para continuar criando, pois sua mãe já tinha uma família muito grande. Zé Mago tem 69 anos. Justina sempre teve o máximo de cuidado com ele.

A casa de Chico Preto foi comprada, mas a terra pertencia aos seus pais, pois naquela época qualquer pessoa da família fazia uma casa onde achasse conveniente. As Aroeiras pertenciam a Edwírges Antonino, ficou para os filhos de Severino, José Chico e Inácio. Os outros venderam sua parte, mas Chico não vendeu, ainda hoje pertence ao seu filho Heleno Antonino que explicou as medidas antigas (1 braça de terra equivale a 2,20m; 1 hectare de terra corresponde a 10.000 metros quadrado; 1 quadro de terra equivale a 12.000 metros quadrados ou seja 4 lados de 50 braças).

Toda a herança de Chico Preto permanece intacta, pois seu filho Heleno conservou tudo fazendo muitas melhorias.

O açude do Ligeiro foi feito por Antonino José Gonçalves, mas quando secava só tinha água no rio de Serra Branca, na cacimba dos Caboré e no açude dos Grossos de Seu Vicente Correia e a vasilha que havia para carregar água era um pote de barro.

Severino Sousa Ramos (Severino de Odete), filho de Sebastião Isidro e Odete, casou-se no dia 25 de fevereiro de 1962 com Maria de Bobó. Estudou na escola de Maria Nunes de Assis, na casa de José Leôncio, a partir de 1951. Lá fez a segunda série, começou a terceira série, mas não terminou. Trabalhava no roçado com os animais e foi muitas vezes na Serra dos Viegas com Gilberto (Galo Branco) buscar gado, levar água para a criação de bode, também ia buscar água no açudinho de José Morais. O gado bebia no açudinho enquanto tinha água e levava uma carga d'água no jumento com as ancoretas.

Depois de casado, Severino trabalhava nas Aroeiras nas terras de tia Edwírges. Antonio Antonino comprou as terras das Aroeiras ao povo do Cauaçu e passou a escritura para ela que era sua sobrinha. Severino trabalhou no Ligeiro com Dr. Inácio Antonino e a partir de 1968 trabalhou com Ademar Antonino, tomando conta da propriedade e sendo vaqueiro das ovelhas. Trabalhou com ele até 1978. Essa propriedade foi vendida a Laurenza Antonino, sua irmã, e Severino continuou trabalhando lá, tomando conta, de 1979 a 1992. A partir de 1992, sua visão que já tinha problema ficou pior e ele não teve mais condição de trabalhar e de andar sozinho. Aposentou-se pelo INSS, mas a família já estava criada. Apesar dessa falta de visão ainda se sente bem. É conformado com a vontade de Deus. Os filhos já estão todos casados, já tem netos e bisnetos. Por conta do diabetes, perdeu metade da perna direita e só pode se deslocar na cadeira de roda. Está com 70 anos.

Maria Canário de Souza nasceu no dia 22 de janeiro de 1920 no Ligeiro, depois foi morar nas Aroeiras. Casou-se em 1936 com Artur Danda da Costa. Sua mãe Aninha, a princípio não queria o casamento, ela fugiu e Aninha e seu filho Honorato foram buscá-la. Maria fugiu novamente e sua mãe resolveu fazer o casamento, na época ela tinha apenas 16 anos de idade. Foram morar no

sítio Boa vista de Coxixola na casa da sogra Francisca Hermínio, onde teve dois filhos. Depois foram morar em Vila Seca, propriedade dos Marojas - família tradicional da Paraíba - onde Artur trabalhava alugado. Depois foram morar nas Aroeiras, na fazenda de Antonio Antonino onde seus pais moravam, lá criou os 10 filhos. Voltou para Boa Vista onde Artur comprou um pequeno sítio, com o dinheiro economizado durante o tempo em que esteve trabalhando no Rio de Janeiro. O sítio pertencia a Bertino Simão. Em 1992 veio morar no Ligeiro numa casa já construída pelo filho Marcos Aurélio Nunes Costa que depois de fazer o Curso Técnico Federal em João Pessoa, foi chamado para trabalhar na Usina Hidrelétrica de Xingó onde permaneceu 7 anos e 6 meses. Conseguiu além do seu meio de sobrevivência poder ajudar seus pais. Maria passou 66 anos casada. Apesar de uma vida sacrificada, ela disse que valeu a pena. Ficou viúva em 2002 e hoje tem a companhia do neto Marco Túlio e mora perto do filho Zé Urêa.

Pedro Nunes de Sousa nasceu em 1898, filho de Joaquim Nunes e Francisca Romana da Conceição. Foi criado no Ligeiro trabalhando com seu pai; comprou as partes de terra da herança de sua mãe Francisca Romana, dos tios Antonino e Severino João (Vitorino) que ficava no sítio Lagoa. Nesse local construiu sua casa em 1923 e casou-se com Leopoldina Dourado de farias em 1925. Ela faleceu em 1933, deixando 3 filhos: Francisca (Nazinha), Tagi e Maria.

Depois de um certo tempo foi para o Juazeiro do Norte com seu filho Tagi e lá casou-se com Maria Regis. Tiveram muitos filhos, mas com poucos meses de idade faleciam, criou-se apenas Maria Derzuila Regis Nunes que hoje reside no Rio de Janeiro e é casada com Geraldo.

Pedro Nunes trabalhou muito tempo com seu tio Francisco João principalmente na época de queimar espinho para o gado.

Também tangia boi a pé, de Patos para Caruaru, das pessoas que compravam esses animais para negociar. Depois começou a fazer ancoretas para as pessoas carregarem água em jumentos, numa latada ao lado de sua casa. No tempo do inverno trabalhava na agricultura, plantando milho, feijão e algodão que era a principal renda para ajudar na sobrevivência da família. Fez uma cirurgia no pescoço, no Recife, com Dr. Djalma Antonino. Depois dessa cirurgia sempre sentia cansaço, não podendo mais trabalhar como antes. Sua segunda esposa, Maria Regis, faleceu em 1971 e ele em 1977, quase não se acamou. Nazinha ficou em casa.

Pedro Nunes sempre hospedou em sua casa os homens que vinham a cavalo dos sítios: Currais Velhos, Quixaba, Lagoa de Cima, Carmo e Sucuru. Eles dormiam, deixava seus animais e iam resolver negócios em Campina Grande. Ele e a família sempre acolheram com muita dedicação todas as pessoas que procuravam a sua casa.

Ainda hoje, Nazinha tem em casa pessoas que ajudam com os animais. Nas festas juninas, natal e ano novo, os filhos de Tagi e Estelita vêm passar em casa. É costume matar um carneiro, fazer a buchada e reunir os amigos para almoçar. Nazinha, com 82 anos, é quem organiza tudo com muito prazer, simplicidade e carinho. Além disso, ainda faz um delicioso pirão, uma excelente galinha de capoeira guizada e a melhor canjica na noite de São João.

João Barbosa de Sousa foi criado no Ligeiro. Não teve oportunidade de frequentar a escola, aprendeu a ler muito pouco, porque se ocupava muito no trabalho. Foi vaqueiro na fazenda de Antonio Antonino por muitos anos. Deixou de trabalhar como vaqueiro quando se casou com Sebastiana Nunes de Sousa, filha de Zé Canário. Para manter sua família, começou a comprar criação de bode e ovelha, matava e vendia no Ligeiro e levava para a feira de Serra Branca.

João Barbosa ajudava as pessoas em todos os sentidos. Incentivava os jovens para o futebol, todos os anos ele tinha a boa vontade de juntar as criações de bode e ovelha para a festa de Nossa Senhora da Conceição de Serra Branca e depois que construíram a igreja da comunidade do Ligeiro, ele fazia o mesmo procurando de todos os criadores.

Na década de 1940, ele prestava um trabalho muito importante para as mulheres que estavam grávidas: ia buscar a parteira, fosse durante o dia ou a noite, no Ligeiro ou em Serra Branca.

Maria Nunes de Assis (Lica) começou a ensinar no dia 02 de junho de 1945, no Cantinho de Coxixola. No mês de abril de 1948, veio ensinar no Sítio Ligeiro do município de Serra Branca, na sala da casa de tio José Leôncio onde passou 10 anos. A partir dessa data foi ensinar na sua própria residência até o ano de 1972. Nesse ano, foi construído o Grupo Escolar Joaquim Nunes Pereira, pelo Estado, e ela passou a ensinar no grupo até o mês de novembro de 1981. O Grupo recebeu o nome de Joaquim Nunes Pereira, o primeiro professor do Ligeiro e avô da professora. Joaquim Nunes ensinava particular, inclusive em outras fazendas como Sucuru, Coxixola, Riacho do Rolo e deixava sua filha Justina ensinando no Ligeiro. Estudaram no Ligeiro na época da professora Lica alunos dos sítios Lagoa de Cima, Tatu, Barbosa, Barros Brancos, Poção, Cantinho, Cotó.

João Honorato de Sousa, filho de Honorato Evangelista de Sousa e Maria Madalena (Mariola) criou-se com seus pais no Ligeiro, trabalhando no roçado onde plantava, além de milho e feijão, o algodão que era a principal fonte econômica dos agricultores e criadores do Ligeiro e do Município. Casou-se com Severina Vieira de Sousa (Sibita) que morava na fazenda Cacimba Nova. Foi morar na casa de Severino Antonino (Severino Cego) e Nenê Barros. Criou os filhos com muito esforço, trabalhou muito

tempo como vaqueiro na casa de Antonio Antonino. Passaram uma situação muito difícil quando seu filho mais velho com 10 anos da idade foi buscar água com suas primas, filhas de Alípio no açude dos Pau Leite que pertencia a José Leôncio. Quando foi apanhar água para encher as ancoretas, o funil caiu e quando ele foi apanhar caiu no açude. Suas primas tinham ido apanhar umbu e quando chegaram viram que ele estava se afogando. Chamaram o trabalhador Sebastião Tui que estava perto, ele o tirou, mas Geraldo já estava morto. Sibita já tinha outro filho Gilberto e estava grávida de Socorro que é casada com Pedro Leôncio.

João Honorato, na década de 70, foi ser administrador da fazenda Camaleão do Sr. Pompeu, perto de Monteiro. Passou cerca de 5 anos. Depois voltou para o Ligeiro. E foi morar na casa de seu pai, depois que este faleceu e sua mãe Mariola foi morar com sua filha Josefa Honorato. Moraram na casa de Honorato até falecer. Honorato criou Maria Raimunda que depois de casada criou seus filhos, Genival, Givaldo, Maria do Socorro e Amaral, no Ligeiro

Os pais de Maria Raimunda eram muito pobres. Vinham viajando procurando um lugar para sobreviver. Passaram algum tempo na casa de Honorato e Mariola e tomaram eles como padrinhos da menina. Quando foram embora Honorato e Mariola ficaram com a filha para criar.

Maria Raimunda quando casou foi morar na Quixaba de Coxixola, mas ao enviuar voltou com os filhos para a casa de Honorato. Depois teve Amaral e foi morar numa casinha no caminho de Serra Branca. Morou também na casa que hoje pertence a Raimundinho Hilário e Maria da Conceição (Nenê).

Águida Bernardo (Guida) era sobrinha de Idalina, esposa de Isidro Antonino. Foi morar na casa de Honorato e só saiu quando casou com José Caduda que era de Surubim e veio também morar no Ligeiro. Ele morreu num acidente de caminhão

no caminho do Ligeiro e Guida ficou só, pois ela não tinha filhos, mas criou Zefa Honorato desde 7 anos e morou com esta até falecer. A casa que Guida Bernardo morava foi feita pelo sr. Joaquim Rodrigues que era casado com Rita Braz, irmã de Honorato. Rita ficou viúva e casou-se com João Braz.

João Braz tinha 7 filhos da primeira esposa, entre eles Sibiu Braz; depois eles foram morar nos Caldeirões por toda a vida e a casa do Ligeiro pertence hoje a José Nunes da Costa (Zé Urêa) e os Caldeirões depois foi vendido a José Leôncio

Maria José da Conceição (madrinha do Ariú) nasceu em 1864, no sítio Jurema do município de São João do Cariri. Casou-se em 1895 com 31 anos de idade com Juvino Pacheco de Assis. São os avós dos filhos de Francisco João de Sousa e Eutália Maria de Sousa e dos filhos de Jose Leôncio e Aurora Maria (Lola).

Francisco João de Sousa (Chico João) nasceu em 1886 no sítio Ligeiro do Município de Serra Branca. Casou-se com Eutália Maria da Conceição com 31 anos de idade em 1917. Eutália nasceu em 1897 no sítio Ariú e casou-se aos 20 anos. Os dois irmãos, Chico João e José Leôncio, casaram com as duas irmãs Eutália e Aurora (Lola). Um casal casou em um dia e o outro no dia seguinte.

Francisco João e Eutália tiveram 19 filhos, mas 8 faleceram com poucos dias ou meses de nascidos e uma menina nasceu morta.

- 1- Josefa Antonino de Assis - falecida
- 2- Ana Antonino de Assis - falecida
- 3- Silvestre Antonino de Assis - falecido
- 4- Alberto Antonino de Assis - falecido
- 5- José Antonino de Assis - falecido
- 6- José Antonino de Assis - falecido
- 7- Celina Antonino de Assis - falecida
- 8- Manoel Antonino de Assis - falecido
- 9- Nasceu morta uma menina

Os que se criaram:

- 1- João Francisco de Assis
- 2- Ernesto Antonino de Assis
- 3- Estelita Antonino de Assis
- 4- Estelina Antonino de Assis
- 5- Severino dos Ramos Antonino
- 6- Ester Antonino de Assis
- 7- Estela Antonino de Assis
- 8- Gilberto Antonino de Assis
- 9- Edite Antonino de Assis
- 10- Josefa Antonino de Assis

Teodoro João de Souza casou-se com Isabel. Trabalhava na agricultura e criava animais: bovino, caprino e ovino, era cerqueiro, isto é, fazia cerca muito bem.

Antonino João de Souza casou-se com Amélia Nunes, ela faleceu e ele casou a segunda vez com Maria Madalina. Morou sempre no Ligeiro vivendo da agricultura e criação de animais.

Manoel João de Sousa (Manoel Leôncio) casou-se com Ana (Nana Leôncio). Além do trabalho da agricultura e criação de animais, ele era amansador de boi.

Francisco Antonino de Sousa (Chico Mésio) criou-se com seus pais no Ligeiro, casou-se com Santina Antonino de Sousa (sua prima), tiveram 10 filhos, mas ela faleceu deixando muitos dos filhos ainda pequenos. A filha mais velha, Maria Mésio, ficou cuidando da casa e dos irmãos menores.

Chico Mésio casou-se a segunda vez com Francisca (Chiquinha) e tiveram um filho, Inácio Mésio. Chico Mésio não ficou morando na casa grande, fez uma pequena casa vizinha à outra e ficou morando com Chiquinha. Maria Mésio foi quem tomou conta da casa da mãe e dos irmãos. Teve uma filha, Zuleide, não casou, por isso seu pai ficou muito zangado com ela, então a

mesma foi morar com a filha na casa da irmã. Zuleide tomou conta da mãe já idosa e doente até falecer.

Chico Mesio, além de trabalhar na agricultura e criação, comprava e matava gado, atividade que fez durante 40 anos. Vendia em pé, mas também abatia para vender nas feiras de Serra Branca, Coxixola e Sucuru. A carne era levada em burros com cangalhas.

João Mésio, filho de Chico Mésio e Santina, nasceu no Ligeiro onde vive ainda hoje com 85 anos. Sempre trabalhou com seus pais na agricultura e criação. Ia servir o exército, mas por causa do início da segunda guerra mundial não compareceu no tempo certo por que sua mãe pediu para ele não ir, com medo da guerra. Quando foi tirar a carteira de reservista foi obrigado a prestar serviço militar no 14º Regimento de Infantaria no Recife. No fim de 1948, foi licenciado e veio para o Ligeiro onde ficou trabalhando na agricultura e com a criação de animais até hoje, dentro das suas limitações por causa da idade. Casou-se no dia 29 de agosto de 1955 com sua prima Maria Honorato e vivem felizes.

Apolônio Francisco de Souza, filho de Chico Mézio e Santina Antonino criou-se no Ligeiro, mas foi trabalhar em São Paulo na Usina Tamoio em Araraquara, de 1951 a 1958. Vinha sempre na casa dos pais de ano em ano ou dois em dois anos.

Depois que voltou de São Paulo construiu sua casa no Ligeiro e casou-se em 1961 com Ester Antonino. Tiveram dois filhos, mas estes faleceram poucos dias depois de nascidos. Trabalhava na agricultura e com criação.

Depois de alguns anos comprou uma caminhonete Chevrolet e ficou fazendo as feiras para Serra Branca e carregava gado de frete. Os aposentados quando vinham receber seu salário, e também quando adoecia uma pessoa no Ligeiro ou na vizinhança, iam chamá-lo para levar ao hospital. Carregou muitos anos os estudantes do Ligeiro para o colégio de Serra Branca.

Como não tinham filhos, alguém sabendo disso colocou na

sua porta, ao amanhecer uma criança recém nascida. Sua esposa teve um choque muito grande, mas ficou feliz porque não tinha filhos. A criança era um menino e foi registrado com o nome de Radamés.

Apolônio adoeceu e faleceu no mês de junho do ano de 2000. Radamés que eles criaram casou-se com Lúcia de Fátima e têm três filhos. Moram com Ester na casa que Apolônio construiu e junto com sua mãe cuida da pequena propriedade dos animais e todas as responsabilidades da casa e da família.

Belmira Nunes casou-se com Porciano Hilário da Costa em 1929 e foram morar no sítio Ariú, terreno que pertencia a Francisco João por herança de sua esposa Eutalia Maria de Sousa que era filha de Juvino Pacheco e Maria de José da Conceição.

Ponciano trabalhava na agricultura, principalmente com plantação de milho, feijão e algodão. Tinha também a criação de bovino caprino e ovino. Era vaqueiro da criação de bode de Chico João. Veio a seca na década de 40 e ele teve que vender o gado e uma parte da criação que possuía, ficando apenas com uma vaca e o bezerro para tirar leite. Comprou 6 jumentos com cangalhas e os arreios e viajava para Vertente de Taquaritinga para trazer os animais carregados para vender na feira de Serra Branca. Saia no domingo à tarde e chegava na sexta-feira ao meio dia.

No Ariú, nasceram os 5 filhos. Em 1946, Porciano mudou-se com a família para Serra Branca. Pedro Nunes deu um pedaço de terra onde ele construiu sua casa, um pequeno roçado e um barreiro perto de onde é hoje o Centro Paroquial Santa Terezinha. Botou um roçado nos Pocinhos, caminho do Ligeiro, nas terras dos herdeiros. Quando moravam no Ariú, a dificuldade para os filhos estudarem era muito grande. Os dois filhos mais velhos, Maria Auta e Daniel (Rebolo) começaram a estudar numa escola particular com Severina Ribeiro (Liu), que também morava no Ariú, mas tinha estudado em Serra Branca com a professora Maria Cristina Oliveira Antonino. Depois foi fundada uma escola pública

nos Caboclos e a professora que ensinava era Josefa Cordeiros (Zefinha), de São João do Cariri, que foi morar na casa de Seu Ângelo, pai de Seu Eronides Guimarães. A escola ficava a uma distância de 6 quilômetros e iam a pé, tomavam café e só comiam novamente quando chegavam em casa para almoçar, pois não havia merenda na escola.

Havia a lousa e o creião (creon) para fazer a contas, e para escrever levavam tinteiro e a pena. Não havia cadernos, escreviam em folhas de papel pautado. Depois de 2 anos, a professora Zefinha Cordeiros foi ensinar na Água Doce. Ela ficou morando na casa de Seu Roque Ramos e a escola funcionava na casa de Seu Manoel Jurema. Após alguns anos, foi transferida por questões políticas, deixando vários alunos sem aula.

Pouco tempo depois, a professora Iaiá Piaba, filha de Severino Piaba, também de São João do Cariri, veio morar e ensinar na casa de João Pacheco, no Ariú.

Quando Belmira Nunes que era filha de Joaquim Nunes e Francisca Romana veio morar em Serra Branca, Maria Auta, sua filha mais velha, estudou na terceira série, com a professora Ana Ramos, na quarta série com a professora Maria José, esposa de Antonio Vicente filho de Seu Vicente Correia e a quinta série com a professora Ilza Luna. Os outros filhos de Belmira estudaram em Serra Branca, mas não terminaram nem a quarta série.

Depois que os filhos foram crescendo, Ponciano trabalhou muito com eles em construção de açudes carregando material nos lombos dos jumentos com caçambas. O baldo do açude era batido com sepo e água. Maria Auta e Socorro costuravam e bordavam sem aprender com ninguém. Depois Auta foi trabalhar na casa comercial do Sr. Antonio Bezerra, por cerca de 9 anos. Ela fazia as feiras de Sumé, Livramento, Santo André e Prata. Levavam os tecidos em caminhão e onde não havia a loja vendiam no caminhão. As contas eram feitas no lápis e papel. Se não soubesse fazer conta muito bem não podia trabalhar no comércio. Vendia

muito tecido principalmente no período das safras de algodão. Vinha gente para fazer compras de todos os distritos vizinhos. Compravam principalmente, além de tecidos, sapatos, chapéus etc. Toda mercadoria usada na época encontrava-se na loja do Sr. Antonio Bezerra.

No fim do ano, fazia o balanço de todo estoque da loja na matriz em Serra Branca e nas filiais: Sumé e Livramento. As peças de tecidos que tinham sido abertas, eram todas medidas a mão e tomado nota. Era destacado cada tecido: brim, tricoline, langerie, seda, laquê, cambraia, linho, bramante, tafetá chita cretone, vuale da matarazo, chitão para fazer lençol de cama. Fazia as contas e entregava a Socorro Bezerra para fazer os cálculos do lucro do ano.

Houve tempo de faltar querosene para vender. Belmira guardava um pouco para as necessidades maiores e botava no chão duas telhas e colocava lenha fina em cima para acender o fogo. Nesse intervalo, ela fiava e Rebolo ficava descaroçando algodão para fiar. O fio era para mandar tecer as redes de dormir. Tudo isso se passou no Ariú, quando se plantava muito algodão.

Sebastião Antonino de Sousa (Tibufú) casou-se com Francisca Teodora de Sousa, tiveram duas filhas, Luiza e Solange. Moravam no Ligeiro de baixo. Francisca adoeceu pouco depois do nascimento de Solange. Quando ela estava com cerca de 3 anos, sabendo que sua doença era incurável (tuberculose), mandou chamar madrinha Lola e tio José Leôncio para pedir para eles ficarem criando Solange. Eles aceitaram, pois era sua sobrinha, foi criada como filha e só saiu de lá quando se casou. Já Luiza tinha 9 anos e ficou em casa morando com seu pai que vivia da agricultura e criação.

Aos 17 anos, Luiza fugiu para casar com Antonio Celerino, teve 4 filhos, mas só se criou Severino Ramos da Silva. Foram morar no sul de Pernambuco (Caxangá). Após alguns anos se separaram e ela casou com Luis Gomes da Silva com quem teve e

criou 4 filhos, e ficaram morando no Recife.

Sebastião casou-se depois de algum tempo com Josefa de tio Antonino, ela faleceu pouco anos depois e ele casou-se com Josefa Rodrigues.

Estaquio, filho de tio Antonino, faleceu de um problema no coração, deixando 8 filhos pequenos. Sebastião teve uma idéia. Todo sábado ele pedia as pessoas da família, o principal para fazer a feira e entregava a viúva Maria José Celerino, que agradecia aquele gesto tão importante para ela e seus filhos. Antonio Estaquio, aos 14 anos, já saía para trabalhar nas casas dos tios ajudando assim na manutenção da família. Os outros irmãos foram crescendo e continuaram fazendo a mesma coisa.

Sebastião só deixou de pedir esta pequena ajuda aos familiares quando os filhos de Maria José já estavam com condição de manter a família. Com este gesto de solidariedade todos os filhos se criaram com muita responsabilidade e hoje são pais e mães de famílias exemplares.

Maria Nunes de Sousa casou-se com Manuel Benvina, que era cambista, e tiveram 6 filhos. Foram morar em Coxixola. Após alguns anos de casados, se separaram e Maria, além de cuidar da casa e dos filhos, lavava e engomava de ganho para ajudar na manutenção da casa. Separado, Manuel Benvina foi morar em Campina Grande e Maria ficou sozinha responsável pela família.

A casa em que ela morava pertencia ao senhor Eliseu Jacaré, não pagava aluguel por que quando ele vinha para Coxixola com a família, a casa estava pronta para ficarem o tempo que quisessem. Depois que os filhos cresceram, compraram esta casa para sua mãe. Os outros filhos casaram, mas Terezinha que era a filha mais velha não casou, ficou morando e cuidando da mãe.

Apesar de Manuel Benvina ter abandonado sua família, quando ele estava muito doente foi ficar com uma irmã em João Pessoa, mas sua filha Terezinha foi cuidar dele. Anos depois, Terezinha adoeceu de um AVC vindo a óbito após 5 dias. Maria

foi morar com outra filha, mas já estava muito doente, faleceu pouco tempo depois. Atualmente na casa de Maria Nunes não mora ninguém, mas algumas pessoas da família quando vêm para Coxixola hospedam-se na casa, que é de herdeiros.

José Antonio Primo (Zezinho Tranquilino) nasceu no dia 08 de agosto de 1905. Casou-se em 1932 com Evangelina Cavalcante Brito; neste mesmo ano construiu sua casa onde viveu com a família durante toda sua vida. Trabalhava na agricultura e possuía criação bovina, caprina e ovina. Nos anos 50 começou a trabalhar na prefeitura de São João do Cariri como fiscal do município. Após 10 anos, deixou a prefeitura e começou a trabalhar na justiça como depositário público (oficial de justiça). No tempo em que trabalhava como oficial de justiça, a comarca de São João do Cariri era instalada em Serra Branca e o seu trabalho abrangia todos os distritos da comarca.

Ocupou também o cargo de delegado, tendo sempre dois ou três soldados à sua disposição. Na época ganhava como delegado 15 mil reis e era suplente de juiz. Possuía um sítio, o Campo Redondo, e quando aposentou-se dedicou-se totalmente às atividades agrícolas e criatórias, indo ao Campo Redondo três vezes ao dia. Depois que sua esposa Evangelina faleceu, Zezinho ficou muito abatido não tendo mais ânimo para trabalhar, pois tinha uma vida de muita união como a maioria dos casais da família Antonino, o que levou Zezinho a falecer. Em sua casa moram suas filhas Francisca (Titica) e Josefa (Zefinha).

Severino Antonino Primo (Rondongo) nasceu no dia 23 de fevereiro de 1904. Casou-se com Petronila Bernardo de Sousa (Nila) em 1926. Trabalhava na agricultura, seu sítio era chamado Campão e criava gado, ovelha, bode e outros animais.

Na época de seca, tangia gado que era comprado no Sertão: Cajazeiras, Souza, Patos, pelo senhor José Morais (Senhorzinho Morais) aos fazendeiros Horácio Wanderley, em Patos, Andre de Paiva Gadelha e José Gadelha em Souza. Rondongo e outros

tangedores viajavam a pé, levando o matulão com tudo que precisavam para a viagem. Chegando lá, pegavam o gado e traziam para entregar em Caruaru aos compradores. O pagamento era feito aos fazendeiros. Os tangedores recebiam pelas viagens que faziam. Rondongo fez este trabalho durante 20 anos. Depois que deixou de tanger gado tratava de suas poucas vacas e vendia o leite em Serra Branca. Montado num jumento, ele mesmo entregava o leite nas casas. Rondongo faleceu no dia 31 de outubro de 1971.

José Antonino de Sousa (Zé do Chão) era filho de Antonio Antonino e Edwirges Antonino. Nasceu em 1909 no Ligeiro e casou-se com Amélia Nunes de Sousa que também nasceu em 1909, em Taquaritinga PE. Como os pais de José Antonino não queriam o casamento, eles fugiram para casar. Depois de poucos meses voltaram para o Ligeiro porque seus pais resolveram aceitar o casamento e eles ficaram morando na casa de Antonio Antonino até o nascimento de uma criança que logo faleceu. Os anos não foram muitos bons de inverno e Zé do Chão e Amélia ficaram no Ligeiro.

Na década de 30, vieram morar na casa do sitio Sieba, que pertencia ao velho Geraldo. Este vendeu a Antonio Antonino que passou para o filho José Antonino. Ele trabalhou de sapateiro com Seu Inácio Luzia, pai de Gerusa Mamede Lima. Em 1945 viajou para Paulista/PE, onde trabalhou como fiscal de carga de tecidos de Paulista a Recife, Rio Tinto, Escada. Levou a família para morar em Paulista em 1946, ficaram trabalhando lá e só em 1957 voltaram e ficaram morando na casa que lhe pertencia até falecer. José Antonino e Amélia não tiveram mais filhos. Em 1940, adotaram uma menina filha de Manuel Nicolau e Sebastiana Hilário, que não tinham condição de criar; aconselhados pelos pais de Zé do Chão, registraram como filha a menina Sebastiana Antonino de Sousa (Nenen de Caréu). Em 1954, resolveram adotar um menino em Paulista, filho de Selma e Valmir, que tinha sido

abandonado pelos pais. O menino era Luis Gonzaga de Sousa, que também foi registrado como filho. Hoje, Gonzaga mora no Rio de Janeiro, é casado e tem dois filhos.

José Antonino de Sousa foi vice-prefeito de Dr. Álvaro Gaudêncio Filho, de 1964 a 1969.

Amélia Nunes era parteira em Serra Branca e nos sítio vizinhos. Uma prova é que Claudiana filha de Clementino Jurema e Estelina e também Adriana filha de Raimundo Hilário e Josefa Antonino nasceram num quarto da casa de Estelita e Tagi e a parteira foi Amélia Nunes. Adriana nasceu em 1971 e Amélia foi parteira até 1974.

Antonino João de Sousa casou com Amélia, filha de Izabel do Poção. Amélia era irmã de José Nunes. Antonino João ficou viúvo com 4 filhos e casou a segunda vez com Maria Madalena, irmã de José Canário e Sebastião (Macaxeira), pai de Maria Nunes (Lica). Ele também viajava com jumentos, carregando feijão, açúcar mascavo (açúcar preto) rapadura, farinha, milho, feijão de Caruaru e Surubim para vender em Serra Branca. Antonino ficou viúvo a segunda vez e faleceu em 1959.

Francisco Honorato de Souza (Chico Honorato) casou com Ana Antonino de Souza (Santana) em 1939. Tiveram 6 filhos. Santana fugiu porque seu pai não queria o casamento. Depois de casados ficaram morando no Ligeiro na casa de sua avó Maria (Didi) que ficou viúva e casou a 2ª vez com Manuel Amaro. Depois fez uma casa nas Esporas, na terra de seu pai Severino Antonino.

Após alguns anos vieram morar em Serra Branca. Sempre trabalhou na agricultura e criação. Quando Chico Honorato veio morar em Serra Branca construiu sua casa na rua do Flamengo, naquela época um pouco afastado do centro da cidade. Era barbeiro, matou gado com Teodomiro Barbosa e depois ficou trabalhando de pedreiro. Vendeu sua casa da rua do Flamengo e construiu outra no bairro do Pilão. Fez também as casas de seus filhos Ídio, Ivanildo e a casa de Maria José de Eustáquio, vizinha à casa dele e muitas outras.

Chico Honorato e Santana foi uma das primeiras famílias que possuíram televisão e telefone no bairro do Pilão. Muitas pessoas iam assistir televisão em sua casa e também ligavam e recebiam ligações. Santana anotava e quando a conta chegava todos iam paga, dividia também a taxa de assinatura entre as pessoas que ligavam.

Maria José de Eustáquio considerava Chico e Santana não só como cunhados, mas como verdadeiros irmãos, pois sempre estavam prontos para ajudar nas suas dificuldades em qualquer situação.

Chico e Santana ficaram morando no bairro do Pilão até falecerem.

Inácio Antonino filho de Antonino João de Sousa e Amélia Nunes de Araújo casou-se com Francisca Emérita a filha mais nova de Joaquim Nunes e Francisca Romana. Tiveram 2 filhos.

Criou-se no Ligeiro na casa de seu pai e a madrasta Maria Madalena. Depois de casado ficou morando no Ligeiro trabalhando na agricultura.

Após alguns anos começou a trabalhar de carpinteiro, fazendo carro de boi e ancoretta. Trabalhou também de frandileiro fazendo depósito para guardar milho e feijão. Trabalhou também no Rio de Janeiro.

Saiu do Ligeiro e veio morar em Serra Branca onde além das profissões já citados trabalhou de pedreiro construindo além de residências, prédios públicos como: o Colégio Wamberto Torreão hoje Colégio Estadual, Hospital e Maternidade Alice Gaudêncio e o Banco do Estado da Paraíba. Esses prédios construídos na década de 60 todos os pedreiros profissionais de Serra Branca foram os construtores.

Inácio ficou viúvo morando com a filha Margarida que mesmo depois de casada ficou na casa de seu pai. Ele continuou trabalhando mesmo com a idade avançada.

Era muito procurado por todos que conheciam o seu trabalho nas suas diversas profissões: faleceu aos 93 anos de idade.

Dr. Inácio Antonino Gonçalves, filho de Antonio Antonino de Sousa e Edwirges Antonino de Sousa, nasceu no dia 19 de junho de 1919. O seu primeiro professor foi Joaquim Nunes. Estudou o exame de admissão com a professora Maria Cristina de Oliveira Antonino e foi fazer o ginásio e o científico em Campina Grande no Colégio PIO XI. Depois foi estudar no Recife na Universidade Federal de Pernambuco em Dois Irmãos. Formou-se em Agronomia no dia 06 de dezembro de 1946.

Quando terminou o curso, voltou para a Fazenda Ligeiro, onde ficou 10 anos sendo agricultor. Casou-se com Terezinha Nunes e tiveram 13 filhos: 9 mulheres e 4 homens.

Uma coincidência que merece destaque: os avós de Terezinha Nunes, Joaquim Nunes e Francisca Romana da Conceição tiveram 13 filhos: 9 mulheres e 4 homens. Os pais de Terezinha Nunes José Canário e Ana Francisca de Sousa (Aninha) tiveram 13 filhos: 9 mulheres e 4 homens, assim como Terezinha Nunes casada com Dr. Inácio Antonino. Foram 3 gerações com a mesma quantidade de filhos.

O major Tertuliano de Brito da Costa, pai de Nivaldo Brito, convidou Dr. Inácio Antonino para ser candidato a vice-prefeito na chapa de Nestor de Andrade, na década de 1950. Nessa época, ele disputou a eleição, ganhou para vice-prefeito, e para prefeito ganhou o candidato adversário que era o Dr. Genival de Queiroz Torreão. Na época as chapas de prefeito e vice-prefeito eram separadas. Tomou posse o prefeito de um partido e o vice de outro. Quando terminou o mandato de vice-prefeito, Dr. Inácio Antonino foi nomeado pelo Ministério da Agricultura em 1956 para trabalhar no município de São João do Cariri que tinha sido um compromisso do Major Terto no serviço de extensão rural atingindo toda região do Cariri.

Dr. Inácio Antonino dava orientação nas culturas de algodão, cereais, introdução da algarobeira. As primeiras sementes da algarobeira foram trazidas de Serra Talhada, interior do estado de Pernambuco, pelo Deputado Estadual Tertuliano da Costa Brito.

Dr. Inácio Antonino recebeu outro convite de Major Terto em 1959 para se candidatar a prefeito de seu partido contra o partido político da família Gaudêncio. Ele aceitou e ganhou com uma vitória de 2 votos. Depois de muita confusão, houve recontagem e subiu para 16 votos. Nesta época era um município só, com sede em São João do Cariri com os distritos de Serra Branca, São José dos Cordeiros, Gurjão, Santo André, Parari, Caraúbas, Santa Luzia do Cariri, Sucuru, Malhada de Roça e Coxixola.

O município de Serra Branca teve seu desmembramento do município de São João do Cariri em 27 de abril de 1959, conforme lei nº 2.065, cujo projeto foi da autoria do deputado Nivaldo de Farias Brito, mas o então prefeito Dr. Genival Torreão impetrou mandato de segurança e obteve vitória. Foi suspensa a festa de instalação da comarca e do município de Serra Branca. Por isso Dr. Inácio Antonino tomou posse no dia 30 de novembro de 1959 como prefeito do município de São João do Cariri incluindo todos os distritos acima citados. Mas por conta do mandato de segurança o então governador José Fernandes de Lima, presidente da Assembléia Legislativa, instalou a comarca e sede do município de Serra Branca no dia 10 de abril de 1960 assumindo como interventor o primeiro prefeito o Sr. Aderbal Chagas Brito e tabeliã da nova comarca a senhorita Josefa Medeiros. O município de Serra Branca ficou constituído da sede e os distritos de Santa Luzia do Cariri, Sucuru e Coxixola. E Dr. Inácio Antonino Gonçalves fixou a sede em São João do Cariri, município para o qual foi eleito e onde terminou seu mandato em 1963.

Dr. Inácio queria fazer uma administração exemplar em Serra Branca, e durante esse pequeno espaço de tempo ainda comprou um conjunto elétrico novo para Serra Branca, e melhorou as usinas elétricas de Coxixola; em Santa Luzia, iniciou calçamento e mudou todo sistema de administrar a sede. Em São João do Cariri, reconstruiu todo o município, na sede fez calçamento, adquiriu veículos, reconstruiu o Açude dos Namorados. Foi ele quem

realizou a Primeira Semana Ruralista de Serra Branca.

Quando terminou o seu mandato de prefeito, reassumiu o emprego federal em São João do Cariri, de que havia se licenciado para assumir a prefeitura de São João do Cariri, com um carro e motorista à sua disposição para trabalhar na região do Cariri assumindo a função de agrônomo, trazendo as primeiras mudas de algaroba para esta região e fazendo as mudas para esta região no Posto Agrícola de São João do Cariri para toda região. Hoje são destas mudas que estão produzindo vagens para alimentação dos animais em todo Cariri. Trouxe também a palma redonda de Pedra do Buíque, interior de Pernambuco, para distribuir com todos os agricultores do Cariri.

Fundou um Posto Médico em São João do Cariri que funcionava numa casa alugada pertencente ao Sr. José Ribeiro de Farias e o médico nomeado foi Dr. Deodoro Silva. Reuniu todas as professoras da rede municipal do município de São João do Cariri que se constituía de 10 distritos para um curso intensivo de 1 mês, a fim de fazerem uma reciclagem para uma melhor qualidade de ensino. O curso foi ministrado pela professora Estelita Antonino de Sousa a uma média de 100 professores. As aulas eram ministradas nos três turnos e os professores dos diversos distritos recebiam alimentação na residência do prefeito em Serra Branca, durante todo o mês. No final do Curso foram feitas provas de avaliação, havendo grande sucesso na aprendizagem. Sua esposa Terezinha Nunes controlava tudo que fosse possível na parte de alimentação para os professores e acompanhava sempre o esposo onde fosse necessária a sua presença. Foi vice-prefeita de Juarez Maracajá Coutinho, de 1973 a 1977.

O trabalho do Ministério da Agricultura foi exercido por Dr. Inácio na região até chegar o período de sua aposentadoria compulsória com 70 anos de idade. Exerceu também a profissão de topógrafo, fazendo levantamento de propriedades e estudo de pequena e média açudagem. A construção dos açudes era financiada pelo Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

Trabalhava com ele principalmente Gilberto Antonino (Galo Branco) e José Nunes da Costa (Zé Urêa).

Transcrevo do livro Pedacos da História de São João do Cariri escrito pelo Sr. José de Farias Brito sobre Dr. Inácio Antonino Gonçalves quando foi prefeito do município de São João do Cariri esses trechos:

"Dr. Inácio Antonino Gonçalves eleito pelo voto direto e conquistou vitória por 2 votos. Foi um pleito animado, festas e mais festas, comícios, passeatas etc. Era imensa a vontade do povo que lutava pela sua vitória. Era o candidato do povo, pobre contra os poderosos, contra o capital, por isso a campanha se tornou mais bela, terminou com sua eleição.

Dr. Inácio governou bem tinha como principal meta o social. Era prefeito dos pobres e ainda hoje é como se sua eleição fosse para um cargo vitalício.

Na época em que nossa iluminação era gerada por motores a óleo, os serviços elétricos do Distrito de São José dos Cordeiros, eram precários. O Dr. Inácio Antonino se candidatou a prefeito do município, em plena campanha, prometeu se eleito compraria um motor novo para atender melhor aquele distrito. Ouvindo a promessa os seus adversários políticos duvidando da promessa disseram a todo mundo: "Este motor que Inácio Antonino está prometendo é verde".

Quando alguém diz verde era porque a promessa não seria cumprida.

Resultado: o Dr. Inácio foi eleito prefeito do município por dois votos e a primeira providência foi comprar um motor novo para o distrito, de cor verde.

Como se verifica tudo que está escrito, embora pareçam coisas banais, são verdadeiras, apenas desejamos oferecer um pouco de tudo que somos e de tudo que temos.

Fatos marcantes da Vida de João Leôncio

João Leôncio viajava com uma tropa de burros carregando cereais do agreste de Pernambuco. Queria servir ao exército, mas naquela época era muito difícil, principalmente conseguir o consentimento da família.

Ele armou um plano, viajou com a tropa de burros, mas quando chegou ao lugar que ia comprar a mercadoria, entregou os burros a Manoel Fernandes Nunes e foi para o Recife. Isso aconteceu no fim de janeiro de 1942. No dia 14 de fevereiro de 1942 foi incluído no exército em Caruaru. Depois foi para Garanhuns. De Garanhuns foi para o Serviço de Segurança no litoral de Tamandaré-PE, já como cabo do exército. Retornou a Garanhuns em outubro de 1944, quando foi designado para as Forças Expedicionárias.

Embarcou do Recife para o Rio de Janeiro onde foi incluído nas Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB), no navio Almirante Jaceguar, numa viagem de 6 dias e 6 noites para chegar ao Rio. Sentindo-se doente foi hospitalizado e julgado incapaz de viajar para a guerra. Ficou no Rio de Janeiro uns 3 meses e depois voltou para Campina Grande para o 40 BC de Campina Grande. Em Campina Grande foi novamente hospitalizado para fazer cirurgia de fimose em 1946. Voltando do hospital, o batalhão tinha sido extinto, então ele foi transferido para Natal. Em Natal se venceu o período de ficar no exército que era de 4 anos. Ele foi licenciado em 30 de outubro de 1946, retornando para o Ligeiro, comprou uma desnatadeira e foi fazer queijo.

Casou-se em 1947, no mês de julho, com Estelita Gomes e veio morar em Serra Branca. Tentou um negócio de sócio com Nivaldo Gomes, seu cunhado, mas não deu certo. Então decidiu morar em Vitoria da Conquista na Bahia por intermédio de Durval Torreão. Comprou um caminhão e viajou nele com a família em

19 de março de 1953.

Em janeiro de 1966, em São Paulo, para onde viajava, roubaram seu caminhão, que no dia seguinte foi encontrado sem os pneus, mas ele conseguiu comprar outro.

Mas para ele o maior sofrimento que passou foi a morte de sua mãe, Madrinha Lola, em 06 de fevereiro de 1972. Depois de fazer uma cirurgia de suspensão de bexiga no Recife, após 6 dias, quando já ia receber alta sofre uma parada cardíaca e faleceu.

Seu corpo foi trazido para ser sepultado em Serra Branca.

Fotos das casas de pessoas na Terceira Idade que moram no Ligeiro



Casa de Altamiro Antonino (Miro) e Rosi



Casa de Ilton e Marlene



Grupo Escolar Joaquim Nunes



Casa de Severino dos Ramos (Raminho) e Francisca



Casa de Gilberto e Creusa



Casa de Zé de Serafim e Maria



Casa de Zé Urêa e Margarida



Casa de Maria Nunes Canário



Maria Nunes Canário



Severino de Odete e Maria de Bobó



Casa de Amaro de Odete e Sili



Casa de Raimundo Hilário e Zefa (pertenceu a José Antonino e Severina)



Casa de Apolônio e Ester



Casa de Zefa Honorato e Chico de Nanu



Casa de João Mésio e Maria Honorato



Casa de Manuel Mésio e Maria de Geraldo (pertenceu a Chico Mésio e Santina)



Casa de João Mésio e Maria Honorato



Casa de Salete Mésio



Casa de Solange Antonino da Costa



Casa de Heleno (Chico Preto e Justina)

O Ligeiro hoje

A Associação Comunitária de Desenvolvimento do Ligeiro (ACODEL) continua cada vez mais com melhorias, como o salão de festas que foi ampliado através do esforço da presidente Edite Antonino e a ajuda da comunidade.

O grupo escolar Joaquim Nunes do estado foi desativado por não haver mais alunos suficientes para o funcionamento da escola.

O Rotary Clube de Serra Branca havia conseguido uma usina de beneficiamento de algaroba para a associação de caprinos e ovinos de Serra Branca, como a mesma estava sem funcionar, a diretoria resolveu fazer sua instalação, através da Associação Comunitária do Ligeiro, no prédio do grupo escolar. Todo equipamento já se encontra lá, mas ainda não está funcionando por precisa ainda de uns ajustes.

Na Igreja de São Sebastião do Ligeiro, continuam sendo feitas muitas benfeitorias no prédio e as festas continuam cada vez mais animadas. Já estamos neste ano na 14ª, com uma vasta programação como torneio de futebol, sorteio de prêmios, celebrações, pavilhão, missa festiva, candidatas a rainha da festa, representantes do agricultor e comerciante.

Histórias contadas por pessoas do Ligeiro

Por José Hilário da Costa

1. Inácio Boi do Ligeiro de Baixo trouxe a mulher Julia, do sul de Pernambuco. Zé Hilário perguntou qual a idade dela. Ele respondeu que ele tinha de 360 anos pra lá. E ela era "moça"? Ele respondeu: que o povo dizia que ela tinha a castanha queimada. Inácio Boi era irmão de Deodato Boi e Cícero Boi casado de Chica Tui.
2. Deodato Boi me chamou para ser padrinho de um menino. Quando eu cheguei a igreja o padre perguntou como era o nome do menino. Ele respondeu: é Chico. O padre perguntou: Não pode ser Francisco não? Ele respondeu: quer por ponha. Qual o dia que ele nasceu? Ele respondeu: no dia que compadre Deodato matou a porca.
3. Helena criada por Nanete de seu Roque Ramos, comprava ovos de porta em porta para Nanete. Foi comprar na casa de seu Inácio Boi. Quando chegou lá ele foi buscar a cuia de ovos e disse que tinha 15 ovos. Ela contou e disse: Tem 18 seu Inácio. Ele respondeu: 18 não, tem 15!. Você quer me enrolar? O ovo custava 2 tostões, dois ovos custavam um cruzado. Helena disse a seu Inácio que estava comprando mais caro 2 ovos por cinco tostões ele disse: se você quiser comprar dois ovos por um cruzado eu vendo, dois por cinco não, assim você quer me enrolar.
4. Zé Hilário foi um samba na casa de seu Severino Galdino no Macapá. Quando chegou lá, Severino Galdino dividiu o salão. Na metade dança os ricos, na outra metade os pobres. Os ricos eram: Fernandes do Ligeiro, Adauto da Cunha da Cotó, Chico Moreira e o motorista de Nivaldo Brito que era Jonas, de Mercês de Zezinho. Seu Severino disse: vou buscar uma dama bonita

para dançar com compadre Moreira. Trouxe Zefinha de Seu Abidias Celerino para dançar. Tarde da noite chegou o filho de Seu Paizinho Correia Lima. Severino Galdino disse que tinha de ajeitar aquele menino que era filho de gente grande (Importante). Sente aí que vou buscar uma queijada para você, você perdeu a buchada, mas não vai perder a queijada.

5. Estória de um compadre que não mente. O Compadre do rio escreveu para o compadre da Paraíba dizendo: Arrume um peba para mim. O compadre da Paraíba mandou dizer: deixe comigo que eu vou mandar o peba. Ele disse: eu tenho um cachorro que não mente. Pega peba em qualquer lugar. Aconteceu que dessa vez não achou peba em lugar nenhum. O cachorro não quis mais caçar. Ele arrepiou-se, tirou o chapéu e coçou a cabeça. O cachorro vinha na frente dele e perto da rua saltou para dentro do cemitério e ficou acuado dentro do cemitério. Quando cheguei lá, o cachorro estava acuado mirando para a cova. Eu olhei, não tinha buraco. Olhei para a cruz e tinha um nome: Manuel Peba. No outro dia contei ao meu compadre o que tinha acontecido, provando que meu cachorro não mentia.
6. Em Coxixola passou cinco anos sem chover. Passou de madrugada um caminhão cheio de jaca e caiu uma. Então os cachorros acuaram. Foram chamar Zé Fidelis, o delegado, ele atirou na jaca e disse: tire o couro e mande curtir na Ribeira.

Por Miro Leôncio

1. Um homem ficou devendo um dinheiro a outro para pagar na feira de Cabaceiras. Ele procurasse o homem mais feio que tivesse na feira, era este que estava devendo. Ele foi para Cabaceira e procurou a feira toda. Finalmente encontrou um homem muito feio e perguntou: É você que está devendo um dinheiro? pois mandaram procurar o homem mais feio que

tivesse em Cabaceiras. O mais feio que eu encontrei foi o senhor. Ele respondeu: Sou eu mesmo que estou devendo. Tirou dinheiro do bolso e pagou.

Por Jose Nunes da Costa (Zé Urêa)

1. João do Canto estava treinando um cachorro, ensinando o cachorro a caçar. Pegou um tamanduá e amarrou no espinhaço do cachorro. O Tamanduá cravou a unha na barriga do cachorro que terminou morrendo.
2. João do Canto tinha um jumento muito ladrão. Quando o jumento ia furando a cerca ele deu uma cacetada no jumento que ficou muito doente, mas ainda escapou depois de passar mais de oito dias sem se levantar
3. Zé Urêa estava numa cantoria em Boa Vista de Coxixola. Entrou um cachorro na sala e deram-lhe uma cacetada para ele sair. O violeiro Bezerrinha de Cordeiros fez o seguinte verso: "Isto é um bicho que em festa nada ganha. É o derradeiro que come é o primeiro que apanha". Isto aconteceu em 1961.
4. Zé Urêa, Quinca, Zé Preto e Biu Ricardo foram a um forró na casa de Antonio Ferraz, nos Viegas. Todos foram a pé. Quando chegaram havia uma negra chamada Rita Carcará. Estava lá Clovis de Petrônio. E um senhor tocando num violão somente com uma corda. Deram essa viagem e não dançaram nada porque não tinha quase ninguém.
5. Zé Urêa foi atrás de uns bodes com Amaro de Milanga no Vila Seca. De repente ouviram um resmungado. Era um homem louco que andava de um lugar para outro. Ele disse ao seu pai Artur. Ele foi buscá-lo para a casa da sogra Aninha. Ela lhe deu comida e ele ficou em Coxixola. Sua família era de Gravatá de Bezerro e veio buscá-lo. Ele dizia que seu nome era Amaro.

6. Salvador morava na Vila Seca. Severino Mésio morava na casa que hoje pertence à Leda que era casada com Anchieta Hilário. Salvador deu 2 mil reis a Zé Urêa para ir buscar o bode na casa de Severino Mésio. Quando vinha no caminho, o bode escapuliu de sua mão. Depois encontraram enganchado numa raiz de mato, mas estava vivo.

Por José Hilário da Costa (Zé de Pociano)

1. Década de 1950 - período de Carnaval. Ala Ursa era uma pessoa vestida de saco de estopa e máscara para fazer medo aos meninos ou pedir dinheiro no dia da feira. A noite apresentava uma pessoa mascarada com o nome de Zé Pereira, montado num jumento de costa. Começava a tocar num fole. Ia andando e a pessoas acompanhavam dançando. Isto no sábado do carnaval à noite. Era uma festa na rua. Uns dos organizadores era Zé Caboclo e Dimas Freitas. O tocador era Raimundo de Azogue.
2. Havia menino que andava por trás da rua, chamava as pessoas. Quando alguém chegava, ele jogava pedras e corria.
3. Seu Josedec mestre da música morava onde é hoje a casa de Seu Mota. Ele colocava na varanda latas com coroa de frade. Os meninos chegavam lá dizendo que iam jogar bilhar. Pegavam um pau e jogava as latas no chão.
4. Anísio Pacheco morava no Beco do Sete e ia tomar banho num curral que tinha perto de sua casa. Os meninos sabendo disso se juntaram e foram jogar pedra nele. Ele se viu tão aperreado que saiu correndo sem roupa para casa. Isso juntava cerca de dez meninos para fazer essas travessuras.
5. Festas de dezembro - As mulheres iam para a Igreja. Quando a missa era campal, os meninos arrumavam broches, chegavam perto e prendiam as saias das mulheres uma na outra. Quando

se levantavam cada uma puxava para um lado e os meninos ficavam perto sorrindo. Outras vezes sujavam as mãos com manga e passavam nas roupas brancas; calças, paletó, beira seca, bolo de goma, cocada, sequilho que era feito por Dona Dulce Cachimbo. Dona Antonia mãe de Sebastião e Maria Vidal fazia broas.

6. Queda de cebola - Um menino ficava conversando com uma pessoa e outro ficava agachado (de 4 pés). O que estava conversando empurrava o outro. Este caía ficava cheio de poeira e os outros corriam para não brigar ou apanhar.

Por Tagi Nunes

1. Era muito comum os papangus nos dias de carnaval. Antonio Trajano ainda vinha correndo com medo do papangu que vinha atrás dele. Nesse momento, o pai João Trajano vinha chegando perto do carro de boi e vendo o filho que vinha apertado com medo do papangu e foi entrando debaixo do carro de boi. Foi quando seu pai que estava com o fueiro do carro na mão deu-lhe uma paulada no pé do ouvido que ele caiu. Trouxeram um caneco d'água molharam a cabeça e quando ele tomou disse: Eu sou Finelon Morcego!
2. Raul Arão estava numa moto, o papangu, para fazer graça, montou na garupa. Seu Raul ligou o motor e saiu a 100 km por hora, rodando rua e perguntando quem era ele, mas ele não dizia nada. Seu Raul continuou correndo cada vez mais. Quando o papangu viu que ele não parava, falou: Pode parar: Eu sou Inácio Caboclo.
3. Tio Tranquilino Antonino tinha uma cacimba no seu roçado. Ele dava água a todo mundo, só que tinha que passar por dentro da casa dele, com a lata na cabeça ou um galão. Nazinha disse que carregou muita água dessa maneira.

4. Apolônio de Rufina perguntou a Tagi se ele tinha alguma prata. Tagi disse que tinha uma prata de 10 tostões que Rita de Mariquinha tinha dado. Mas já tinham dito que a prata era falsa. Apolônio levou e comprou um pedaço de bolo a Dona Dilicéria Simão, mãe de Amaro Simão. Ela passou o troco com o dinheiro que tinha na mochila. Compraram mais bolo e ainda sobrou dinheiro. Só que a prata era falsa. No final da estória não se sabe se ela descobriu! Mas se batesse no chão e ela não tинisse é porque era falsa.
5. Para os meninos daquela época a alegria da festa era comprar alguma coisa para comer. Roubar abacaxi era prática muito usada pelos meninos. Um ficava perguntando o preço e os outros por trás carregavam o que podiam. Essas travessuras eram feitas escondidas dos pais. Se eles soubessem a surra era certa. Havia muitos meninos que tanto na escola como na rua brigavam muito. As meninas não faziam parte dessas travessuras.
6. Zé Preto Canário só vivia se mudando. O galo do terreiro já estava acostumado a subir em caminhão para ir para outra casa. Chegou o caminhão da água e o galo já estava querendo correr para subir. Zé Preto disse: Vai te aquetar que esse é o caminhão da água !
7. O carro da Sucan chegou na casa do senhor Jose Ângelo que era barbeiro. Sua esposa veio atender e perguntou: o que eles queriam. Estavam com a farda da Sucan. Um deles respondeu que estavam entrando na casa para matar o barbeiro. A mulher muito assustada perguntou: o que José fez que vocês vieram matar ele? Notando a preocupação da mulher, um deles tentou acalmá-lá dizendo: Não senhora! Nós estamos matando os insetos que tem o nome de barbeiro.
8. Caréu disse numa Semana Santa que estava distribuindo peixe. Encontrou uma senhora e disse que lá ainda tinha peixe. A

mulher foi até a sua casa e disse a sua esposa Neném: Seu Caréu disse que a senhora me desse uns peixes. Neném respondeu: Aqui tem lá peixe. A mulher ficou muito desconfiada e saiu.

9. Dois homens brigaram na Serra, um deu uma foiçada no outro. Zezinho Tranquilino era delegado e o homem veio dar parte (prestar queixa). Contou a história e disse que ele fosse lá para resolver. Zezinho disse: Vou nada, quero lá negócio com um danado desse e perguntou: Porque você não deu outra nele?

Por Zé Preto Canário

1. Uma vez Zé Preto foi um forró nos Currais Velhos com Cleodon e Seu Neves. Quando vinham do forró Seu Neves achou o cachimbo de Elvira e quebrou. Quando chegaram em sua casa ela disse que ia buscar o cachimbo e quando chegasse ia fazer um café para eles. Eles não esperaram porque sabiam o que tinham feito.
2. Zé Preto e Amaro Albino foram um jogo no Ligeiro. Foram num cavalo. Zé Preto com Amaro Albino na garupa. Como estavam embriagados, Zé Preto esporava o cavalo, mas só acertava nas pernas de Amaro. Ele estava tão bêbado que só notou as esporadas nas pernas na terça-feira.

O Futebol no Ligeiro

Em 1956, quando foi reorganizada, a equipe do Palmeiras Futebol Clube era composta por João Barbosa, Severino Mésio, Gilberto (Galo Branco), José do Carmo, Argemiro, Pedro Leôncio e Manoel Mésio.

Na época o meio de transporte era o jumento ou se andava a pé. Nos anos de 1960 a 1988, a equipe do Ligeiro teve destaque no cenário futebolístico, quando surgiram novos jogadores sendo eles: Amaro, Ilton Ivo, Gilberto Honorato, José de Odete, Mário, Luiz de Geraldo, Amaral, Alcides, Heleno, José Areia, José Vieira, Inácio Padre, Negão de Geraldo Jordão, Djalma, Chorró, Djair, Pirão, Juá, Sípia, Toinho, Chico Galo Branco e Erandir, sendo responsável pela equipe do Botafogo o atleta Amaro Sebastião Isidro. Outros atletas, que vieram de fora do Ligeiro, também se destacaram jogando nesta época, entre eles podemos destacar Lula de Leidson e Egberto Ferreira.

Dentre os atletas mencionados, alguns se destacaram defendendo o Flamengo de Serra Branca, sendo eles: Amaro, José de Odete, Ilton, Heleno, Alcides e outros. Alcides e Heleno foram os que mais se destacaram defendendo as cores do Flamengo, até os anos de 1975 quando a equipe de Serra Branca foi classificada como a melhor do Cariri.

A equipe do Botafogo participou de várias competições como: torneios relâmpagos, conquistando várias competições oficiais organizadas pela prefeitura.

Os jogadores de 1988 a 1998 foram os seguintes: Antonio Antonino, Antonio Hilário, Benedito, Titico, Wanderley, José Ivan, Alex, Alan, Marinaldo, Latércio, Darlan, Darley, Dico, Genildo, Genilson, José da Paz, Radamés, Raimundinho, Junior, Marco Túlio, Deinho.

Sua maior façanha foi construir uma sede com recursos

próprios, sendo um dos pioneiros do Cariri a conseguir esse tipo de recurso no ano de 1995.

O Botafogo do Ligeiro conquistou um campeonato Sub 17 e o 3º lugar Sub 20. Hoje fazem parte do Botafogo do Ligeiro os seguintes atletas: Alex, Alan, Wanderley, José Ivan, Marco Túlio, Darlan, Rosenberg, Mozer Barbosa, Adriano, Marinldo Soares, Amado Soares, Cícero, Radamés, Valdemir (Papinho), Fernando de Erandir, Sergio Hilário, Fabinho, André Stinger, Mineirinho, Rogério (Bodinho) e Junior de Zito.

Foi formada a diretoria do time composta pelo presidente: Wanderley Antonino, Vice-presidente: José Ivan, Diretores de Esporte: Alex Antonino e Getulio de Assis, Wanderley é agente comunitário de saúde do Ligeiro, fazendo um excelente trabalho na comunidade que atinge também o sítio Tatu até o Ligeiro dos Juremas, há cerca de 18 anos.

Famílias acolhidas no Ligeiro nos dias atuais

Severino Sousa Flor (Biu) veio para a casa de Estela no dia 19 de outubro de 1985 com 14 anos para ajudar nos trabalhos do sítio. Depois de 1 ano foi trabalhar na casa de Fernandes onde passou 7 meses. No dia 1º de março de 1987 veio trabalhar na casa de Raminho, passou cerca de 10 anos. Quando conheceu Leonilda Nunes de Moura (Dia) casaram-se e tiveram 3 filhos, mas só criaram dois: João Lucas e Jessé e adotaram uma sobrinha de Biu desde 3 anos de idade chamada Talita Carla Flor. Biu aumentou uma casinha que era um aviário. Trabalha para Raminho e a qualquer pessoa que more no Ligeiro. Faz parte da cooperativa de agricultura familiar de Serra Branca com avicultura, criando galinha, pinto e vendendo até na feira de Serra Branca. Sua esposa ajuda na casa de Raminho, como também seus filhos.

Damiana Bonifacio (Menininha) morava em Serra Branca, era casada, tinha 3 filhos: Valdinaldo, Valdenise (Nidinha) e Valdemir (Papinho). Ela tinha um problema no coração e morreu repentinamente. Lourdes de Tibiriçá que era sua amiga e seu esposo era da família de Menininha ficou criando os 3 meninos, pois o pai não tinha condições de ficar com os filhos. Estela, conhecendo a situação financeira de Lurdes, trouxe Valdinaldo (Valdivino) para sua casa para passar uns tempos. Ele ficou com Estela uns 2 anos, depois foi para a casa de Gilberto (Galo Branco) para trabalhar lá. A irmã Nidinha ficou morando com a família de Seu Neves em Serra Branca e Valdemir (Papinho) que era o menor, com 6 anos de idade, veio para a casa de Estela passar uma semana, mas depois se acostumou e ficou morando lá até hoje, com 22 anos de idade. Valdinaldo (Valdivino) casou com Jaqueline Souza Silva, fez uma casa no Ligeiro trabalha a quem precisar dos seus serviços e já tem uma filha Clara Jamyle Sousa Bonifácio.

Ronaldo José Nunes de Sousa (Rona) é da família Antonino. Casou-se com Maria Salete Alves e tiveram 2 filhos: Rayana Miquele e Rafaela, separaram e as meninas ficaram morando com a mãe. Rona veio trabalhar no Ligeiro na casa de Estela, depois ficou trabalhando na casa de Raminho. Conheceu Mariluce que é filha de Chica Jurema e já tinha 2 filhos: Antonio e Francisco que têm 11 anos. Ele já tinha construído uma casa no bairro do Pilão em Serra Branca. Esta casa ficou para a ex-esposa Maria Salete e as filhas e com ajuda das pessoas do Ligeiro onde ele trabalha e do seu irmão Paulo César conseguiu fazer sua casa onde mora com Mariluce e Francisco.

Portanto 3 famílias construíram suas casas no Ligeiro (Belo Monte) em frente as casas de Estela e Raminho que doaram os terrenos. Elas moram e trabalham como se todos pertencessem à família Antonino.



Casa de José Ronaldo (Rona) e Mariluce



Casa de Valdinaldo Bonifácio (Valdivino) e Jaqueline



Casa de Severino Flor (Biu) e Lenilda (Dia)

Utilidade dos animais e corrida de vaquejadas

O jumento era usado para as pessoas viajarem, principalmente para quem não podia comprar um cavalo ou um burro, para carregar água em ancoretas, ou qualquer outra mercadoria, para trabalhar em açudes carregando terra. Era usado também como meio de transporte pelos alunos que vinham dos sítios Tatu, Cantinho, Cotó, Barros Brancos, entre outros, para estudar na escola do Ligeiro

O burro era usado para as pessoas viajarem, mas principalmente para carregar mercadorias. Os almocreves tinham suas tropas de burros carga e havia o burro em que eles andavam montados, o chamado burro sela.

O cavalo era muito útil por que nele as pessoas viajavam para todos os lugares: Campina grande, Recife, Caruaru, finalmente para onde as pessoas precisassem ir. As mulheres ao invés da sela usavam o silhão. A maior utilidade do cavalo era para ir atrás do gado no mato. Hoje ele tem um grande valor para correr nas vaquejadas, que não são mais feitas só nas fazendas como antigamente, mas também nas grandes cidades onde são preparadas pistas para os vaqueiros correrem, ganhando prêmios em dinheiro, motos ou troféus.

Como a família Antonino sempre teve pessoas que se destacaram como vaqueiro, sendo a fonte de sobrevivência da maioria a agricultura e a criação, quero citar o nome de um bisneto de João Antonino que nos dias de hoje procura viver com intensidade como os primeiros habitantes do Ligeiro da família Antonino. Alan Antonino da Costa começou a negociar com 11 anos quando comprou duas cabritas enjeitadas a Estela. Vendeu e com o dinheiro que ganhou foi comprando outros e assim sucessivamente. Quando tinha 13 anos começou a matar criação de bode e vendia na comunidade. Com 16 anos começou a

comprar gado. Comprava e vendia se arriscando por que não tinha capital. Nesse mesmo tempo começou a participar de vaquejadas sempre correndo com seu irmão Alex. Comprava e acoitava cavalos e vendia os já preparados para correr em vaquejadas. Com 21 anos já tirou o prêmio de uma moto que foi dividido com outros companheiros. Com 23 anos tirou outra moto como prêmio em vaquejada, sempre ganhando dinheiro e troféus. Em quase todas as vaquejadas que participava era premiado em 1°, 2°, 3° ou 5° lugar, recebendo os mais variados troféus. Sempre correndo com seu irmão Alex, Alan hoje com 30 anos participou de vaquejada em vários lugares como: Jataúba, Santa Cruz, Caruaru, Parelhas, São Mamede de Arco Verde, Tuparetama, São José do Egito, Afogados de Ingazeiras, Brejo da Madre de Deus e em cidades com parques muito bem estruturados como o Cowboy em João Pessoa; Maria da Luz em Campina Grande, o Parque Milane em Caruaru, entre outros.

Com esse pequeno histórico, Alan mostra o dom que recebeu de seus antepassados que se instalaram em Serra Branca e no Ligeiro, como vaqueiros.

Em épocas passadas, muitas pessoas corriam em apartações e vaquejadas: Francisco João (Chico João) teve o braço direito deslocado correndo numa apartação. Outras pessoas que corriam: José Leôncio, Fernandes, Gilberto (Galo Branco), Pedro Leôncio, Raimundo Hilário, Anchieta e Raimundinho Hilário, Manoel e Eugênio de Seu Crispo Jacó.

Muitas dessas pessoas viveram ou conviveram no Ligeiro, trabalhando, e muitos deles são casados com pessoas de lá, gostavam ou gostam os que ainda vivem.

Alguns troféus conquistados por Alan em diversas vaquejadas





Severo - um representante do Ligeiro de Baixo

Severino José dos Santos nasceu em 11 de fevereiro de 1912, no Riachão perto de São João do Cariri. Era filho de José Celerino dos Santos e Águida Neponuceno. Casou-se em 1938 com Tercília Maria dos Santos. Tiveram 5 filhos: Severino, Irene, Marinete, Marlene e José. Criaram uma menina chamada Marleide, desde 3 dias de nascida. Suas principais ocupações foram: fazia candeiro, baias, depósitos de guardar milho e feijão. Foi relojoeiro com um curso por correspondência em São Paulo, recebendo o certificado do Ensino Técnico Paulista em 27 de outubro de 1961. Quando o avião caiu na Lagoa do Panati em 2 de outubro de 1950, ele já trabalhava em ouro, fazendo conserto, fazia anel e alianças para as pessoas que iam noivar. Trabalhava em Serra Branca, mas sempre morando no Ligeiro de Baixo.

Candidatou-se para vereador na eleição de Manoel Gaudêncio e foi eleito. Depois foi eleito vereador nos períodos dos prefeitos Álvaro Gaudêncio Filho e Juarez Maracajá. Havia reunião na Câmara Municipal uma vez por mês, mas o vereador ganhava pouco.

Tirou a carteira de habilitação e já possuiu um Jeep, um Veraneio e uma Brasília. Viajava para Campina Grande, Gurjão, Sumé, Livramento, Monteiro, Lagoa de Roça com passageiros.

Trabalhou no Beco do Sete com sua oficina e no Mercado Público trabalhou cerca de 30 anos.

Como motorista nunca sofreu nenhum acidente.

STUDIO
GRAFICO
Design • Art • Creativity

(83) 3241.6567
studiograficojp@gmail.com